

O GALO

ANO XIV - Nº 9 - Setembro 2002

NATAL-RN

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

Ruy Espinheira Filho

Autor de uma obra poética que a cada dia ganha mais reconhecimento nacional, professor de literatura da UFBA, Ruy Espinheira Filho fala em entrevista a O GALO, sobre o novo livro que acaba de publicar, «Tumulto de amor e outros tumultos - criação e arte em Mário de Andrade», e comenta que as grandes linhas desse movimento permanecem válidas para os nossos dias. Não esconde, porém, sua decepção com o concretismo, cujo cinquentenário saúda com a seguinte frase: «Creio que nós temos a comemorar é o fim do concretismo. Cinquenta anos de trapaças é demais para qualquer cultura».

Ainda nesta edição, o poeta Marco Lucchesi escreve sobre sua decisão de abandonar a tradução e sobre a correspondência que mantém com Kurt Meyer-Clason, o tradutor de Guimarães Rosa para o alemão; crônica de 1943 de Eloy de Souza discute a complexa condição da mulher no islamismo; Fernando Monteiro conta a história de um colecionador de quadros de hábitos extravagantes; Nei Leandro de Castro canta o amor e Veneza.



Poesia x tradução, ou ainda modernismo x concretismo

Que lições o modernismo deixou e qual a extensão e influência de seu legado? Este é assunto sobre o qual o poeta Ruy Espinheira filho não vacila em responder: as lições do modernismo pernamecem válidas e o maior equívoco desse movimento foi sugerir que escrever versos brancos equivale a fazer poesia. Na entrevista que concedeu ao jornalista Nelson Patriota por ocasião da I Bienal Nacional do Livro do Rio Grande do Norte, realizada em setembro deste ano na UFRN, o poeta baiano fala ainda sobre os 50 anos concretismo - "creio que o que temos a comemorar é o fim do concretismo", anuncia - e sobre o atual estado da poesia brasileira.

"Naufrágio, poesia e tradução" é o nome do ensaio de Marco Lucchesi no qual ele anuncia o fim da sua atividade como tradutor, ao mesmo tempo em que dá provas do seu multilinguismo escrevendo em alemão um poema dedicado a Kurt-Meyer-Clason, o tradutor de Guimarães Rosa na Alemanha. Excepcionalmente, o próprio Lucchesi dá a tradução literal do poema germânico.

O crítico Antônio Júnior comenta a relação do poeta Rainer Maria Rilke com anjos e demônios.

Um conto inédito de Fernando Monteiro reativa o protagonista do seu romance "O Grau Graumann" e refaz, em clima gótico, o ofício de colecionador e marchand.

Texto de 1943 do jornalista Eloy de Souza, apresentado pelo jornalista Vicente Serejo, discute a situação da mulher no islamismo com colocações que, passados quase 60 anos, ainda soam surpreendentemente modernas.

Getúlio Araújo envia de Goiás uma apreciação crítica sobre o livro *Salvados*, de Manoel Onofre Jr., onde comenta o descaso da mídia pela produção nordestina, e elogio o esforço envidado por Onofre Jr. para a preservação dos valores literários do passado.

A escritora sergipana Malva Barros conta a deliciosa história provinciana de Leônicio, o mequetrefe, "feito como a necessidade", mas que ganha vida nova após o nascimento de uma linda filha. O enredo, aparentemente banal, ganha um colorido especial graças ao uso especial que a escritora sergipana dá aos ditados populares.

As potiguares Nazaré FONSECA e Ângela Maria Silva estréiam no conto com, respectivamente, "Amor - a partida", e "Transcendência".

Romão Inácio homenageia o folclorista Mário Souto Maior com "Uma do cabra da peste M. S. M."

Na poesia, temos trabalhos de Nei Leandro de Castro, Mário Gerson, João da Mata Costa e Carlos Gurgel.

As ilustrações são de Francisco Iran Dantas e as fotos de Clóvis Tinoco.

Atenciosamente,

O Editor

Índice

03 *Naufrágio, poesia e tradução*
Marco Lucchesi

05 *A coleção em negro*
Fernando Monteiro

07 *Eloy, o avant la lettre*
Vicente Serejo

07 *Amor e islamismo*
Eloy de Souza

09 **Entrevista**
O escritor Ruy Espinheira Filho fala de poesia, modernismo e concretismo.

12 *Quatro poemas de Charles Baudelaire em tradução de Marcos Silva*

14 *Leônicio, o mequetrefe*
Malva Barros

15 *Salvados*
Getúlio Araújo

16 *Pioneiros da navegação aérea*
João da Mata Costa

17 *O incrível como salvação poética*
Antônio Júnior

18 *Amor - a partida*
Nazaré Fonseca

19 *Transcendência*
Ângela Maria Silva

20 *Uma do cabra da peste Mário Souto Maior*
Romão Inácio

21 *Por sobre mim*
Carlos Gurgel

21 *Tríduo*
Mário Gerson

23 *Correios*

23 *Lançamentos*
Nelson Patriota

24 *Una città, una donna*
Nei Leandro de Castro

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

FERNANDO FREIRE
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

PAULO TARCÍSIO CAVALCANTI
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
LUCIANO FLÁVIO FERRAZ PORPINO
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Malva Barros, Nei Leandro de Castro, Romão Inácio, Nazaré Fonseca, Maria Ângela Silva, Marco Lucchesi, Vicente Serejo, João da Mata Costa, Fernando Monteiro, Getúlio Araújo, Carlos Gurgel, Antônio Jr. e Marcos Silva.

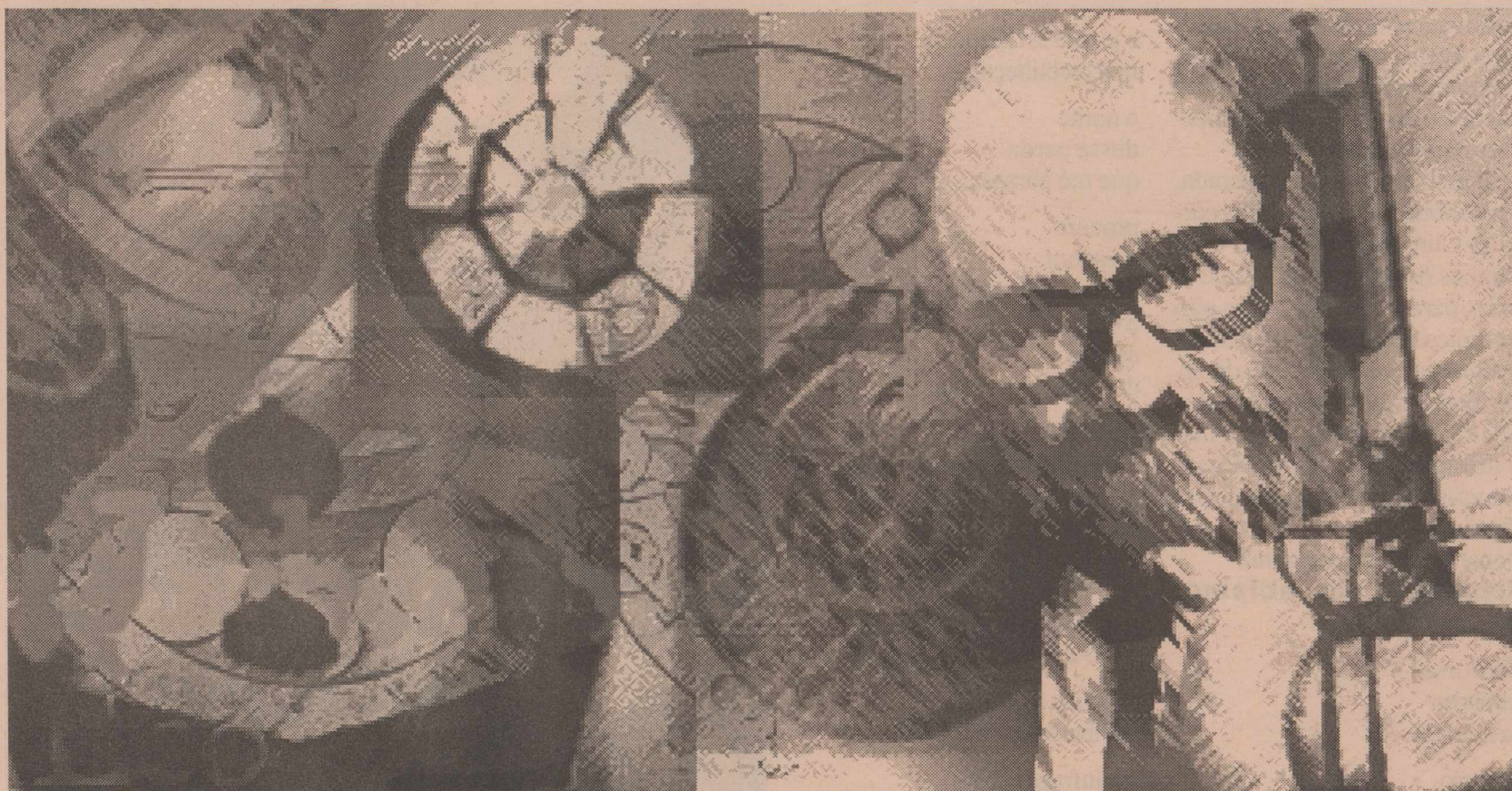
Foto da capa: Clóvis Tinoco.

Ilustrações: Francisco Iran Dantas.

Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342.

E-mail do editor: nelson@digl.com.br

A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Naufrágio, poesia e tradução

Marco Lucchesi

Se a tradução literária é a arte de naufragar com dignidade e nobreza – e sobreviver ao mar profundo, aos sabores e dissabores corsários, o certo é que de sua navegação dependem boa parte dos ventos do processo cultural, dos que promovem passagens, diálogos e tesouros, que antes haviam de estar irremediavelmente perdidos. Uma aposta de abertura e de inacabamento perene, onde a tessitura poética não é mero acidente, mas um apelo profundo que a demanda de um texto deve guardar e transmitir em formas infinitas, com seus mapas incertos e ilhas distantes. Trata-se mesmo de uma rede de coisas sobrepostas, de palavras que descansam umas sobre as outras, de uma teia de fenômenos – levados a uma fonte incomparável de possibilidades que nascem como dunas levadas pela

ação dos ventos.

No entanto, essa rede de inúmeros acenos, esse reclamo de possibilidades intermináveis dão ao horizonte um saber infinito e às vezes uma certa nostalgia *real* da coisa. Apesar dos naufrágios de grande beleza – que podiam evocar história trágico-marítima da tradução, ou então uma perspectiva quinto-imperial da tradução, quando um Sebastião-Texto pudesse regressar de um infinito sempre adiado – apesar disso, aqueles naufrágios não apagariam de mim o desejo de me pôr a salvo das águas – tanto quanto possível. Mas uma tentativa de terra, sabendo e sofrendo, e celebrando, e esquecendo que a poesia não é mais que um laivo – a tentativa de dizer a labareda através da cinza. Mas será preciso recordar a presença, a memória do fogo na cinza?

Uma vaga estética de vales e montanhas. Vaga e incerta.

Isso foi quando decidi pôr fim aos meus dias. Ou seja, o tradutor que nunca existiu em estado puro, como coisa em si, foi assassinado pelo poeta, que passou a administrar o profundo e a superfície de seu mediterrâneo. Mande-me uma carta – de condição póstuma, dizendo:

“Declaro para os devidos fins, que acabo de morrer como tradutor e que não ressuscitarei para vestir de português e de poesia os poemas de outras plagas e os romances complexos deste mundo. Peço que não guarde saudades. Que me esqueça de uma vez por todas. – Até nunca mais, seu fantasma”.

Claro que essa foi uma espécie de manobra psíquica (fortemente marcada por Brás Cubas), de me livrar não tanto dele, mas

de sua tirania exclusiva, e de uma visão que nosso ambiente cultural, tão vivisseccionado, costuma ter do risco literário – para usar o termo de Maurice Blanchot – de que poetas não traduzem e de que tradutores não fazem poesia. Como se as duas atitudes fossem inimigas. Tentei demonstrar o contrário no texto “Tradução e alquimia”, onde eram sugeridas outras questões, as de que o poeta e o tradutor se alimentavam mutuamente de suas diferenças, como as de um laboratório alquímico.

Cada linha de Umberto Eco ou do Pseudo-Dionísio sempre mereceram não apenas o necessário tratamento científico, mas a sua sinergia poética. Não podia abrir mão disso, pois que não dispunha de duas naturezas, mas de uma, apenas, embora multívoca e aberta – com seus fantasmas e

missivas póstumas, tal como a carta acima, onde coincidem remetente e destinatário. O que muda é o endereço, não as personagens em questão.

E assim me veio, inesperada, – em sóbrio envelope – uma carta de Curt Meyer-Clason com poemas de *Alma Vênus*, traduzidos para o alemão. Algo não entrópico acontecia: remetente e destinatário começavam a divergir. Tesouros eram transportados de ilhas distantes. Corsários. Naufrágios. Portulanos. Desenhava-se um diálogo de nobre impressão.

Deparei-me com o poema **Reparação do abismo**, onde procurei dizer:

No dorso
luminoso
da manhã

procuro
o espólio
de teu canto

e os nomes
alusivos
do segredo...

essas
montanhas
fúlgidas de névoa

bebem
a sombra
de teu imane
raro
precipício

onde
se abeiram
roseirais do medo...

procuro
nas alturas
um resquício

do bem supremo
e grave
que perdi

e já não sei dizer,
mal reconheço,

o nome
dessa perda
que me abraça...

procuro
no sabor
das outras línguas
o verbo
escuro
de tamanha ausência

procuro
estranhas teologias,
tratados de botânica
e alquimia

(a sombra lúmina!)
para fazer da noite
meio-dia

procuro
em inefáveis geografias

o naufrago lugar
do não-lugar

onde se esfaz
a sombra de uma sombra

e assim
procuro a luz
que me confunde

e segue
essa procura
a procurar-me

A tradução de Curt – na tradição da literatura alemã e de sua tradução congenial – diz:

Wiederherstellung des Abgrunds

Auf dem leuchtenden
Rücken
des Morgens
suche ich

den Nachlass
deines Gesangs



“(...) Duas línguas. E pátrias. Todas sob o mesmo céu da literatura. E duas presenças vivas: do lado luso-brasileiro, Camões: suas cidades e lágrimas, que formam um rio tão vasto, capaz de atingir o Grande Sertão”

und die betreffenden
Namen
des Geheimnisses...

diese
nebelhellen
Gebirge
trinken
den Schatten

deines magnetischen
seltenen
Abhangs

wo
Rosengärten der Angst
sich nähern...

suche ich
auf den Höhen
eine Spur

des Höchsten
und wichtigsten Guten
das ich verlor
und schon nicht mehr zu
bennenen weiss,
kaum erkenne ich

den Namen
dieses Verlustes
der mich verzehrt...

ich suche
im Geschmack
der anderen Sprachen

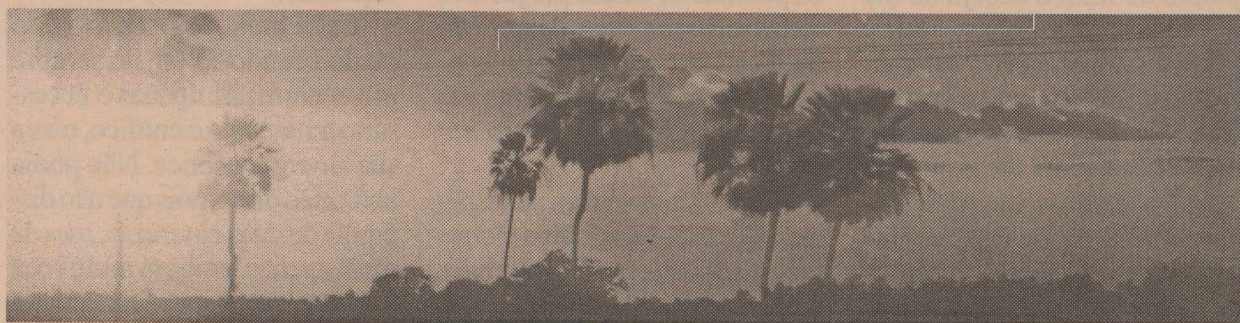
das dunkle
Zeitwort
solch grosser Abwesenheit

ich suche
seltsame Theologien,
Abhandlungen über Botanik
und Alchimie

(den Leuchtschatten!)

um aus der Nacht
Mittag zu machen

ich suche
in unaussprechlichen
Geographien
den Schiffbruchort



des Nicht-Ortes

*an dem sich der Schatten
eines Schattens zerreibt*

und so

*suche ich das Licht
das mich verwirrt*

*und diese Suche
fortsetzt
mich zu suchen*

Percebi então que os ventos do diálogo – quase ausentes para as navegações culturais de nossos dias – sopravam aqui com tamanha força, que o papel do tradutor e do poeta deixavam de ocupar um modo de exclusão. E que o seu contrário seria um possível. E que o Pirata e o Capitão, o Naufrágio e a Terra Firme podiam e deviam ocupar um mesmo espaço de visão e de atitude.

Decidi – por isso mesmo, e dentro desse processo – dedicar a Curt Meyer-Clason um poema em alemão, intitulado “Himmel” (Céu). Essa homenagem se resolve no elogio de duas cidades. Duas línguas. E pátrias. Todas sob o mesmo céu da literatura. E duas presenças vivas: do lado luso-brasileiro, Camões: suas cidades e lágrimas, que formam um rio tão vasto, capaz de atingir o Grande Sertão (maravilhosamente traduzidos por Curt); do lado alemão, Hölderlin e a ilha de Patmos, além de uma citação indireta de Trakl – em modos imperceptíveis. Em tradução quase literal, sem aliterações e demais recursos, meus versos – na formas da moderna poesia alemã e com breves modificações – diriam o seguinte:

O rio-palavra e as águas claras do pensamento – Duas línguas com suas asas: – A antiga entressonhada Babel e a nova entretécida Sião – E o mesmo rio-palavra respira essas distâncias: as lágrimas de Camões e a brisa dos Sertões (água escrita de terra!) – O abismo e a vertigem do perigo e do socorro... – O primeiro verbo do Céu... – O rosto inascido... – Água para o teu fundo semântico jardim, onde brilha a Rosa Uardi... – Um Céu e duas

pátrias – Um Céu em que florescem estrelas novas.

Ein Himmel

Curt Meyer-Clason
gewidmet

*Der Wortfluss
und das Helle
Wasser des Denkens*

*Zwei Sprachen und
Ihre Flügel:*

*Die alt-
geträumte
Babel*

*Die neu-
gegründete
Sion*

*Und derselbe
Wortfluss atmet
die Entfernung:
Die Tränen
von Camões
und die Luft
der Sertões*

(das Erdgeschriebnewasser!)

*Der Abgrund
und die schwin-
delnde Rettung und
Gefahr*

*Das erste
Wort des Himmels*

*Das ungeborene
Antlitz*

*Wasser für
deinen Tiefsemantisch-
Garten
wo die Uardi
Rosa strahlt*

*Ein Himmel
und zwei Länder*

*Ein Himmel
aus dem
neuen
Gestirne blühen*

Uma carta para o futuro e sem um destinatário preciso ou endereço. E que o naufrágio não subista. Ou – havendo – marcado por uma ungarettiana alegria de submersão. E o capitão sendo o último a sair. Ó viva Poesia!

Marco Lucchesi, carioca, é poeta e ensaísta.

A coleção em negro

Fernando Monteiro

Tudo é para se perder e nada é para sobrar
Lúcio Graumann

É tudo muito vívido – a tarde, o museu – e suspenso como uma estalactite no teto gelado da memória: vi obras de arte, pela primeira vez, quando era ainda estudante na nossa cidade natal bombardeada (aquela bela cidade com uma ponte de mármore da qual não resta nada). Tenho a mente clara sobre isso, tão clara quanto as salas iluminadas e a sombra de um gesto meu (que não empanada nada).

Devo ser estritamente verdadeiro: tal gesto foi uma surpresa para mim próprio, a sua impulsividade me pegando de surpresa ao me aproximar de um quadro de certa importância...

Bem, deu-se o seguinte: a minha mão, no bolso, pegou do canivete afiado e arranhou – quase cortou – a obra antiga, na parte inferior esquerda: a carne de tinta de um cão fiel ao lado do senhor feudal montado. Era a parte da pintura (de boas dimensões) que eu podia alcançar, a mão de jovem agressor de repente substituindo a mão do estudante que toca, com admiração distraída, a pata de um cão pintado. Claro que eu estava sozinho na sala. É evidente, também, que não permaneci na sala, a contemplar o risco vândalo, o feito de uma ousadia rebelde do gênero que não esperariam de mim os meus pais, meus professores e alguns colegas que teriam talvez jurado não ter sido eu o agressor do quadro – tal era a quietude dos meus hábitos pacíficos, os cuidados com os brinquedos de madeira, as figuras recortadas (que outras crianças destruiriam só com o pegar de mal jeito) e até com roupas, sapatos e objetos outros, mantidos limpos e o mais intactos que o permitiam a passagem do tempo e o uso.

Fui para casa e, dias depois, voltei ao museu – para fazer o mesmo percurso, paciente, até chegar à obra do risco de canivete, na última sala. Não estava lá. No seu lugar só havia a enorme área, mais pálida, marcando uma espécie de nódoa do fantasma do quadro ausente do museu que providenciara uma explicação improvisada, acima da etiqueta com os dados do quadro: “Retirado para Restauo”.

Foi quando – creio – nasceu o cínico dentro de mim, a perguntar ao guarda agora bem junto dos visitantes: “E este espaço vago?”

“A obra que estava aí está sendo restaurada, como você pode ler no aviso.”

E nada mais acrescentou sobre o vazio, muito belo e sutil, o leve quadrado onde estivera o cavalo, o cavaleiro e seu cão, espaço de umidade e poeira cuja delimitação na parede criava uma mancha como a marca de água dos papéis mais finos e caros.

Saí, duplamente insultado. Não pudera rever o risco, o quase corte – e nem voltar ao ato impulsivo, talvez na pata do cavalo no ar (se me espichasse para agredir mais acima e mais fundo, no quadro).

Por muito tempo não voltei ao nosso museu. Guardei, sem mácula, a lembrança da quase ferida na tela, durante os anos que vieram – trazendo as perturbações sociais e as mudanças políticas que trazem os anos, a passagem do tempo nos apanhando na voragem de acontecimentos previstos e imprevistos. E deixei os museus em paz. Tive

que fugir das batalhas, das marés de sangue empurrando as populações civis para as fronteiras, e fui acumulando bens adquiridos nessas contingências, operando nos mercados negros, à sombra dos anos infelizes que sobrevieram. Tornei-me, em pouco tempo, um homem rico. Meu nome começou a ser chamado nos restaurantes e hotéis, para atender aos telefonemas dos poderosos por força do dinheiro ou por alta colocação na administração pública – e pude comprar uma grande casa, carros luxuosos... mas, muito antes disso, meus primeiros recursos significativos se destinaram às obras de arte, isto é, a quadros, precisamente a pinturas, velhas e novas, porque nelas me fixei: procurava-as nas galerias, nos lugares do seu comércio ordenado e desordenado, onde artistas exibem obras boas e más, pequenas e grandes, baratas e caras, a fim de comprar tudo o que me agradasse. Nos primeiros anos, regulava-me pelo que fosse mais barato, naturalmente. Depois, não mais importava que fosse o mais caro o quadro que me agradasse: eu o queria e isso era o bastante. Tornei-me um comprador regular, um cliente que os *marchands* gostavam de vir atender pessoalmente – assim como vinham bajular Kahnweiler, Rosenberg, Wildenstein (e outros que também conheci e que alardeavam, todos, o meu “bom olho” para a arte).

Com o passar dos anos, os jovens proprietários de galerias, ainda inseguros, passaram a considerar o meu interesse por este ou aquele artista como um indicador seguro da qualidade dos seus trabalhos. Transformei-me numa espécie de termômetro artístico para alguns deles, embora eu os mantivesse – junto com toda a fauna de artistas e críticos – longe da minha intimidade o mais possível... e rigorosamente afastados para o outro lado da cerca da minha vida, impedidos de estreitar relações ou qualquer outro tipo de contato mais próximo do que nos seus estabelecimentos comerciais e estúdios etc.

Embora cortejado, nenhuma lisonja sobre o meu gosto (e coleção guardada a sete chaves) quebrava a minha guarda, logrando diminuir a distância que eu mantinha, em termos pessoais.

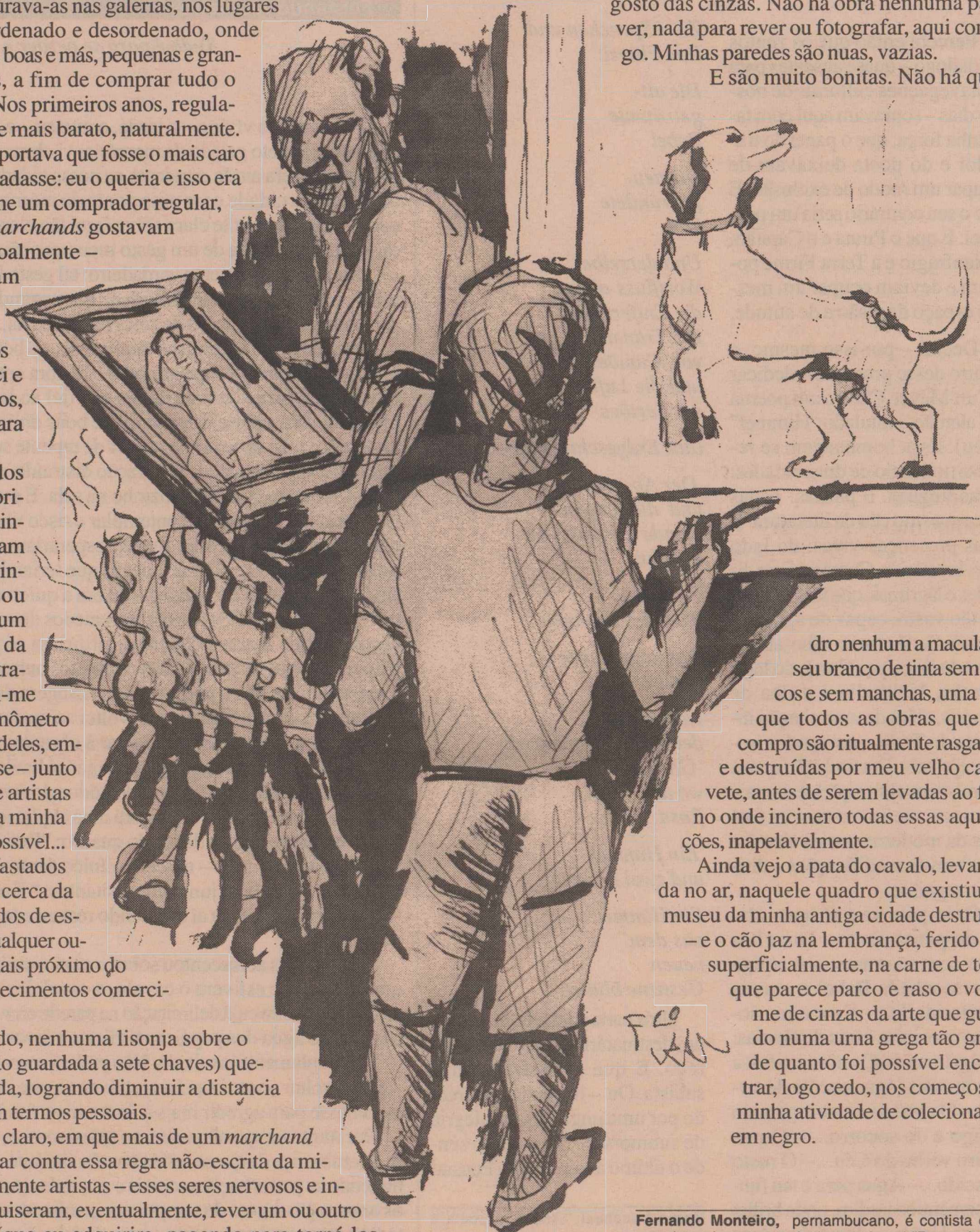
Houve ocasiões, claro, em que mais de um *marchand* ou artista quis atentar contra essa regra não-escrita da minha vida. Principalmente artistas – esses seres nervosos e insistentes demais – quiseram, eventualmente, rever um ou outro dos seus quadros (que eu adquirira, pagando para torná-los

meus)... Mas eu cortava o assunto, e qualquer possibilidade de uma “visita”.

Por que haveriam de vir? Para ver, para fotografar o quadro de algum pintor que acaso se tornara admirado, festejado? A obra, por mim comprada, e que acaso pertença aos primeiros vagidos artísticos de quem quer que seja, pertence-me por direito de compra e de posse, inquestionáveis. Sendo assim, posso vedar o acesso dos autores ou de intermediários e intelectuais da arte, nela acaso interessados. Posso mostrar...

Bem, não há nada a mostrar, na verdade – exceto o meu gosto das cinzas. Não há obra nenhuma para ver, nada para rever ou fotografar, aqui comigo. Minhas paredes são nuas, vazias.

E são muito bonitas. Não há qua-



dro nenhum a macular o seu branco de tinta sem riscos e sem manchas, uma vez que todas as obras que eu compro são ritualmente rasgadas e destruídas por meu velho canivete, antes de serem levadas ao forno onde incinero todas essas aquisições, inapelavelmente.

Ainda vejo a pata do cavalo, levantada no ar, naquele quadro que existiu no museu da minha antiga cidade destruída – e o cão jaz na lembrança, ferido tão superficialmente, na carne de tela, que parece parco e raso o volume de cinzas da arte que guardo numa urna grega tão grande quanto foi possível encontrar, logo cedo, nos começos da minha atividade de colecionador em negro.

Eloy, o avant la lettre

Vicente Serejo

Dos três irmãos escritores, todos filhos do casal Eloy Castriciano e de D. Henriqueta Leopoldina, ele comerciante e deputado provincial, ela das doces prendas domésticas, ficaram como as marcas de estilo seus olhares singulares. Henrique Castriciano, um erudito de visão moderna nascida das grandes leituras, poeta de Ruínas e Vibrações, sonetista com o esmero bilaquiano. Auta de Souza, poetisa do virtuosismo verzejador, envolvida pelos finos véus do afrancesado penumbrismo do final do século XIX. E Eloy, o primogênito, herdeiro legítimo do nome inteiro do pai, bacharel do Recife, onde nasceu num sobrado azulejado, político, senador dos tempos solenes do Palácio Monroe, no Rio antigo, jornalista, orador e ensaísta. Dele nasceria o olhar mais moderno dos três. Ainda na primeira década do século XX escreveu conferência sobre os Costumes Locais, em 1909 e, neste mesmo ano, Alma e Poesia do Litoral do Nordeste, numa clara antevisão da



Jornalista Eloy de Souza quando jovem

Petite Histoire que viria na década de 20 pelas mãos dos franceses. Repórter, de alma viva e olhar inquieto, de estilo cortado pelas frases curtas feitas de palavras enxutas e precisas, Eloy viu o mundo como um descobridor de detalhes e de fatos que normalmente passavam ao largo dos olhares mais comuns. Os seus artigos – defendendo os morros de Natal, que chama de Morros Orientais do Tirol, o homem, a flora e a fauna do sertão, ou estudando a casa nordestina, em tudo a marca do espírito e do gênio de um homem *avant la lettre*.

Este artigo – Amor e Islamismo – publicado em a República de 16 de maio de 1943, é a prova do leitor atualizado que ele foi, marcado por uma curiosidade

de impressionante que só um olhar além do seu tempo seria capaz de perceber. Hoje, mais de cinquenta anos depois, o amor dos homens e a cultura islâmica são notícia nas revistas e jornais do mundo inteiro.

(Setembro/ 2002)

AMOR E ISLAMISMO

Eloy de Souza

A degradação da mulher nos países muçulmanos levou-me certa vez a perguntar a um egípcio talentoso e culto se por aquelas terras de sol e de sonho não havia lugar para o amor. Há muito mais – respondeu-me ele – do que seria para desejar. Não visse eu, na segregação da mulher, senão o resguardo necessário ao amortecimento de impulsos sempre latentes de ambos os sexos. Se nos bondes, nos vagões de caminho de ferro, nos jardins públicos, nos teatros, os homens e as mulheres não se misturavam, não era porque houvesse desprezo masculino pela costela de Adão. Era sim porque o homem temia encontrar-se mais freqüentemente enrodilhado nas tramas do amor.

Esse sentimento era ancestral na raça. Fervia-lhe no sangue e ainda encontrava motivos para maiores estímulos nas lendas

mais remotas e até na própria história da família e da vida do fundador do Islamismo.

Abdelmotaleb, avô de Maomet possuidor de todos os dons bastantes à felicidade humana, vivia entretanto consumido pela tristeza de não ter sequer um descendente que lhe perpetuasse o prestígio no país natal.

Inspirado provavelmente, no episódio bíblico de Abraão e Isaac, prometeu aos céus em retribuição ao favor de lhe conceder dez filhos, por ele considerado necessários à perpetuidade da ascendência tradicional da família, imolar um deles pela sua própria mão, diante do templo que os antepassados haviam ajudado a construir na terra sagrada de Meca.

Seu voto foi atendido e nada menos de doze filhos e seis filhas nasceram dentro de pouco tempo, das entranhas de suas três es-

posas.

Fiel à promessa a sorte agravou-lhe o pesar, designando que Abdallah, o filho mais belo e mais amado devia ser o sacrificado. Era esse filho, aquele por quem o povo tinha adoração, pois estava convencido de que tinha ele vindo ao mundo para gerar o profeta esperado. A tribo impediu o sacrifício; e a Sibila consultada sobre as consequências da falta de compromisso respondeu que a divindade se contentava com a imolação de cem camelos do seu imenso rebanho.

A substituição da pena foi considerada milagrosa e logo se espalhou que Abdallah seria o pai desse profeta. Não tardou que uma rica e formosa virgem viesse ao seu encontro e lhe dissesse por uma força insopitável que o agraciaria com tantos camelos quantos a Abdelmotaleb lhe havia custado o resgate

da vida, se naquela mesma noite a escolhesse para esposa. Obediente ao seu pai, respondeu que este já havia lhe destinado outra mulher. Nesta mesma noite casava-se com ele Amina; mas a formosa virgem desprezada que havia sido atraída pela luz divina, irradiada naquele instante nas profundezas da alma, para a confissão incontida do amor, passou por tal forma a viver no seu pensamento que na manhã seguinte, encontrando-a já então indiferente ao desejo da véspera, não se contém e lhe pergunta se ainda o queria para esposo.

Não — respondeu ela, — porque não és o mesmo. A claridade que vi ontem no teu rosto desapareceu e agora ilumina o seio de Amina.

E assim foi gerado Maomet filho da luz nessa lenda, em que o amor e a desilusão se misturam num símbolo de mortalidade, da qual ele nunca se julgou excluído, semente fecunda de uma fé que lhe deu força para derrubar dos altares os falsos deuses e sobre eles assentar o deus unido, destinado ao milagre de reunir no mesmo credo, povos provindos da mesma origem e entretanto separados do culto ancestral pela idolatria invasora.

Um dos traços mais simpáticos da vida de Maomet é o da sua submissão às contingências humanas, nunca se proclamando e muito menos consentindo que o proclamassem, invulnerável ao amor e ao ódio, ao sofrimento e à morte. Aparte à inspiração que nele alcançou as maiores alturas como poeta e orador e dele fez um consumado guerreiro e um dos maiores legisladores de todos os tempos, aparte a concentração interior que atingiu no profeta o paroxismo do êxtase, em visões celestiais de grande beleza mística, sua vida foi em tudo mais a vida de um homem do seu tempo e de sua raça.

É curioso considerar a influência que a formosura varonil do profeta teve no seu destino pessoal e messiânico. Ainda impúbere foi a beleza do menino que atraindo a atenção do monge Dejerdis para uma caravana acampada nas imediações do mosteiro, levou-o a convidar o seu dono para a mesa, na persuasão de que o acompanharia o infante gracioso.

Abontaleb, seu tio e tutor, acedendo ao convite, entendeu que conduzi-lo ao mosteiro seria faltar com o respeito devido ao velho monge e resolveu então deixar o pupilo à sombra das tamareiras, vigiado por pessoas do seu séquito.

O frade entretanto pediu que o fossem buscar. Esse primeiro entendimento seguido de outros realizados durante a longa permanência da caravana ali estacionada por motivo de negócios permitiu ao anacoreta cristão, dissipar grande parte das superstições grosseiras do menino.

Na inteligência precoce ficou assim o germe que muito mais

tarde teria de desabrochar na prédica de uma religião exalçada também na fé de um só Deus. Pouco importa que as deturpações da bíblia, os impulsos da raça e os desregramentos dos costumes o tivessem levado a instituir uma moral em contradição com a doutrina seguida pelos cristãos.

Sem embargo de um antagonismo nocivo à civilização não foi todavia sem proveito a religião que ele fundou num meio trabalhado por costumes dissolutos e uma impiedade desumana.

Quando adolescente, obscuro e pobre, foi ainda sua formosura impressionante que inspirou a paixão de Khadija. Sem o casamento com essa viúva também formosa, apesar de uma mocidade da qual já tinha saudades, rica e aparentada, com uma tribo poderosa, e certamente sua missão teria ficado aquém dos seus desígnios.

A religião fundada por Jesus, para quem o amor ao próximo era a



Em 1910, o conselheiro de Afrânio Coutinho, Eloy de Souza (à esquerda, montando um camelo, tendo a Grande Pirâmide e a Esfinge ao fundo) foi ao Egito estudar o problema das secas e conhecer a barragem de Assuan

base de uma felicidade humana e universal, continua assim divorciada do Islamismo para o qual, acima dessa concepção altruísta continua a existir o amor votado à perpetuidade da espécie, destinada a uma política impiedosamente materialista.

E dentro dela dois mundos permanecerão separados até que possam se encontrar pela vitória da doutrina espiritual mais ajustada à felicidade do homem sobre a terra.

Transcrito de **A República** — Natal, domingo, 16 de maio de 1943.

Eloy de Souza, norte-rio-grandense, foi jornalista e político.

Ruy Espinheira Filho

Baiano de Salvador, professor do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Ruy Espinheira Filho é hoje um dos principais nomes da poesia brasileira, como provam os diversos prêmios que recebeu: Prêmio Nacional Cruz e Souza (1981) com o livro *As Sombras Luminosas*, Prêmio Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores (1996), com o livro *Memória da Chuva*, entre outros. Autor de obras de ficção, lançou recentemente pela Record sua tese de doutorado, intitulada *Tumulto de Amor e Outros Tumultos - Criação e arte em Mário de Andrade*, que foi um dos lançamentos em destaque durante a I Bienal Nacional do Rio Grande do Norte, realizada este mês no Centro de Convivência da UFRN. Em entrevista exclusiva, Ruy Espinheira Filho fala sobre sua vinda a Natal, suas atividades como poeta e professor, sobre modernismo e motivos de sua poesia, entre outros assuntos.

Nelson Patriota

O GALO - Passados oitenta anos da Semana de 22, como você o modernismo hoje?

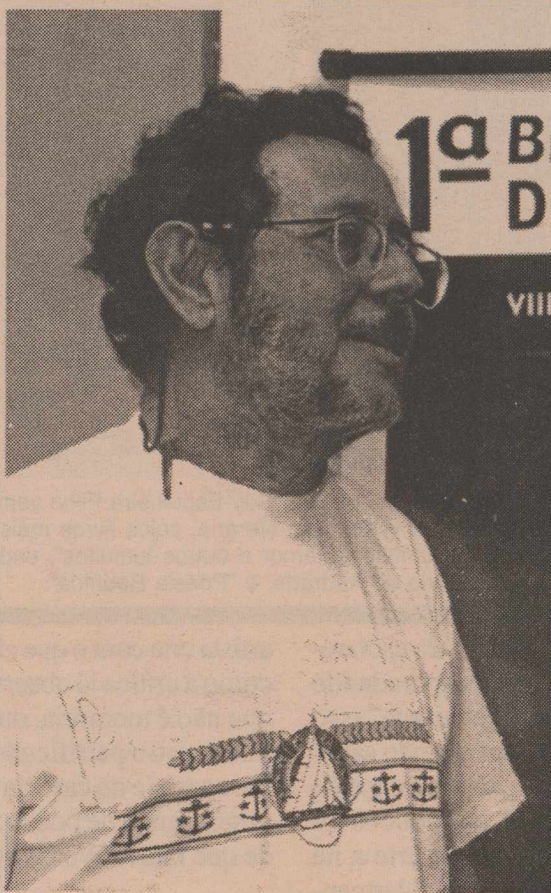
RUY ESPINHEIRA FILHO — O modernismo, como dizia Mário de Andrade, acabou nos primeiros anos da década de 20, por isso ele considerava anacrônico o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, que é de 1928. Vejo, hoje, o modernismo como um movimento que mudou a poesia brasileira — e mais: de certa forma, até criou essa poesia. Isto é, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e outros, inventaram uma nova tradição, uma tradição que eles também iam tentando realizar num processo de aprendizado pessoal. Dessa aprendizagem, nasceu toda essa herança nossa hoje. Isto se observa bem sobretudo na correspondência Mário de Andrade/Manuel Bandeira, na qual eles discutiam o que fazer e como fazer.

O GALO - Ainda permanecem atuais os fundamentos da estética preconizada por esse movimento?

R.E.F. — As grandes lições do modernismo, a meu ver, continuam válidas — como o direito à pesquisa, a valorização da cultura nacional, a rejeição ao formalismo e a toda e qualquer tentativa de formação de “escolas”, que engessam a criação e às vezes a inviabilizam. Olavo Bilac se queixava da “forma fria e espessa”, que era como um “sepulcro de neve”. Não agüentava mais o formalismo que tanto celebrou, especialmente em suas “profissão de Fé”.

O GALO - Você admite que o modernismo cometeu equívocos? Em caso afirmativo, quais?

R.E.F. — O pior equívoco foi o de pessoas que não entenderam o



“Vejo, hoje, o modernismo como um movimento que mudou a poesia brasileira — e mais: de certa forma, até criou essa poesia”

modernismo — e partiram para o desleixo. Achavam que bastava não metrificar nem rimar para fazer poesia. Escreviam umas linhas irregulares e as chamavam de versos livres. Tais facilidades indignavam poetas como Mário e Bandeira Que, antes de T.S. Eliot, sabiam que o chamado verso livre não existe — pois em poesia (como em qualquer arte) tudo é rigor. Até hoje, infelizmente, tal desleixo persiste. E o pior é que a crítica e o público desenvolveram uma tolerância extremamente danosa a ele. Tem muito desleixado por aí sendo celebrado como grande poeta...

O GALO - Ainda se mantém a valorização do regional, sobretudo através da prática epistolar de Mário de Andrade, que inspirou o surgimento de autores como Ascenso Ferreira, no Recife, e Jorge Fernandes, no Rio Grande do Norte?

R.E.F. — Mário disse, em sua conferência de 1942, que os intelectuais eram responsáveis por “todas as Cataguases”. Ou seja: deviam estar atentos a todas as manifestações culturais do País. Infelizmente, porém, esta lição não foi aprendida — principalmente pelos paulistas, que parecem preferir Oswald, que chamava os escritores nordestinos de “búfalos do nordeste” e dizia que eles prejudicavam a estética que ele estava elaborando em São Paulo. No mais, o que é mesmo “regional”. Por que só nós, nordestinos, somos “regionais”? Por que o paulista não se chama também “regional”? Afinal, nada é mais província do que São Paulo... E para encerrar esta resposta, que vai acabar de incompatibilizando de vez com os paulistanos: Tolstói dizia que se alguém quer ser universal deve escrever sobre sua aldeia. Os concretistas se saíram com uma tal “poesia de exportação”

que deu na baboseira que deu — enquanto o “regionalista” Graciliano Ramos é cada vez mais universal...

O GALO - Sua tese de doutorado — “Tumulto de amor e outros tumultos — Criação e arte em Mário de Andrade” — foi lançada em outubro de 2001 pela Record. Que aspectos você ressalta nesse livro como fundamentais na obra do criador de Macunaíma?

R.E.F. — Eu estudei, no meu trabalho, dois aspectos da reflexão do Mário: criação e arte. Mário foi quem melhor *pensou* a literatura e a arte no Brasil no século XX — e com isso cumpriu o seu objetivo de dar “uma alma” ao nosso País. Fundamental na obra crítica e ensaística de Mário é quase tudo: os conceitos de criação, lirismo, poesia, arte, cultura, invenção, modernidade etc. Ler Mário é desvelar os engodos, as trapaças — como a pobreza que foi (e continua sendo, em alguns bolsões de miséria da alma) as tais “vanguardas” que se chamaram Geração de 45, Concretismo, Pós-concretismo, Poesia práxis, poema-processo e horrores similares.

O GALO — A propósito, o concretismo está fazendo 50 anos. Tem alguma coisa que comemorar nesse aniversário?

R.E.F. — Creio que nós temos a comemorar é o fim do concretismo. Cinquenta anos de trapaças é demais para qualquer cultura. Felizmente, o concretismo hoje só subsiste mesmo naqueles bolsões de miséria intelectual a que já me referi. Diante da morte do concretismo, só me resta dizer: “que a terra lhe seja pesada”.

O GALO — como você vê a poesia de Mário de Andrade, comparativamente ao trabalho de chefe de escola que você ressaltou nele?

R.E.F. — Como eu disse, Mário de Andrade teve que aprender, e muitas vezes ele teve de refletir sobre esse aprendizado, escrever sobre ele, para aprender, teorizá-lo, como ele diz tanto no “Prefácio interessantíssimo”, quanto em “A escrava que não é Isaura”, assim como na correspondência, que ele tanto escrevia para tentar esclarecer os outros, quanto para esclarecer a si próprio. Assim, também como poeta, Mário foi aprendendo enquanto escrevia. Na dedicatória da “Paulicéia Desvairada” isso fica bastante claro: ele dedica o livro a si mesmo, mas diz não saber se ele conseguiria realizar nos textos poéticos a sua própria pregação estética. Então, começando de forma experimental, aos poucos foi se transformando num poeta cada vez mais senhor de sua arte e, na maturidade, já realizava uma poesia de primeiro nível. Particularmente nos poemas que foram reunidos em “Lira Paulistana” e “Meditação sobre o Tietê”, para ficarmos apenas nestes exemplos.

O GALO — Você colocaria a poesia de Mário de Andrade no mesmo patamar da poesia de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade?

R.E.F. — É uma comparação complicada. Mas é evidente que sem Mário a poesia brasileira muito provavelmente não teria atingido o alto nível que atingiu no século XX. Podemos acrescentar ainda que Mário foi, como ele mesmo diz num poema, “eu sou trezentos, trezentos e cinquenta”, o que o levou a muitas atividades, poesia,

crítica, ensaísmo, polêmicas, pesquisas de muitas coisas — folclore, medicina etc. — e assim não se centrou especialmente numa área da produção artística, o que envolve a poesia. Mas como eu disse, ele chegou como poeta a produzir alguns dos poemas mais importantes da modernidade brasileira e não se pode esquecer que ele foi o mais importante interlocutor dos dois principais poetas do século XX: Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. No caso de Drummond, foi uma verdadeira educação poética e intelectual, como vemos pelas cartas do Mário que o próprio Drummond reuniu em livro.

O GALO - A pós-modernidade é neomodernista ou antimodernista?

R.E.F. — E que diabo é pós-modernidade? Para mim, moderno é o atual, o contemporâneo, o que está vivo. Mário dizia que Homero era moderno, Goethe era moderno. E são mesmo, pois continuam vivos hoje. Octavio Paz, que detesta essa tal pós-modernidade, pergunta o que diremos aos nossos netos: que eles são pós-pós-pós?...

O GALO - Com vários livros de poesia, contos e novelas, qual o papel que a literatura ocupa na sua vida, considerando que você também desenvolve uma atividade de magistério superior?

R.E.F. — Minha vida e minha literatura são uma coisa só. Escrevo com o que sou e com o que vivo — e a literatura ressoa em mim o tempo todo. Para minha felicidade, hoje ensino Lírica na UFBA, o que é algo próximo da felicidade... Mas já ensinei também Jornalismo, por mais de vinte anos. E quando ensinei jornalismo escrevi muitos livros, nenhum deles sobre jornalismo... Quem escreve, escreve em qualquer situação. Quem diz que não escreve porque não tem tempo pode ser tudo — menos escritor.

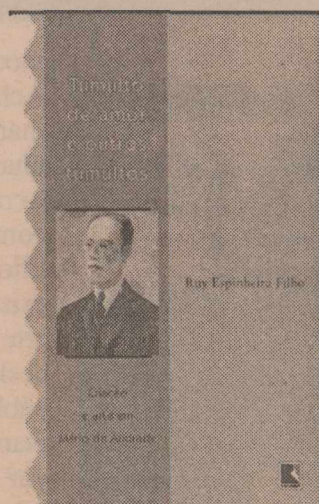
O GALO - Muito de sua poesia se reporta ao passado e à infância. Por que a fixação nesses temas?

R.E.F. — Acabei de dizer que escrevo com o que sou. Na verdade, todo

artista cria com o que ele é. Ora, sou um mnemônico, principalmente, como a crítica já observou, mas tem muita coisa em minha literatura que não é memória, ou apenas memória. De resto, a memória não é um registro petrificado de fatos: ela também cria, ficcionaliza. No meu caso (e no caso da imensa maioria dos artistas), a memória é um vasto campo de poesia. É a tal “emoção recolhida em tranqüilidade” de que falava Wordsworth.

O GALO - Desenvolvendo uma poesia de forte acento lírico, como você vê uma poesia cerebralista como a praticada por João Cabral de Melo Neto?

R — Ora, para mim João Cabral é sobretudo um poeta lírico, essa coisa de “cerebralismo” é invenção do Cabral, para tentar racionalizar a criação, e bobagem da crítica. No meu livro (*Tumulto de Amor e outros tumultos — criação e arte em Mário de Andrade*, Record, 2001), eu mostro como Cabral se contradizia — e como o “método” dele era igual ao de qualquer poeta. Antônio Carlos Secchin fez a mesma coisa em seu estudo “A Poesia do Menos”, publicado pela Topbooks. E no livro que acabei de escrever sobre Manuel



Entre a docência e a poesia, Ruy Espinheira Filho vem construindo uma vasta obra literária, cujos livros mais recentes são “Tumulto de amor e outros tumultos”, onde estuda Mário de Andrade, e “Poesia Reunida”.



Bandeira, e que ainda está inédito, estudo ainda mais as manias do Cabral. Felizmente, o que ele escreveu em prosa não interferiu em sua poesia...

O GALO - Você tem 11 livros de poesia já publicados. Isso quer dizer que hoje você pode programar a edição de sua poesia junta à sua editora?

R.E.F. - Não. Publicar poesia continua sendo bastante difícil no Brasil. O poeta mais do que qualquer outro escritor, tem de ser muito obstinado e se acostumar a receber a rejeição editorial. Mas como obstinado, ele dá sempre a volta por cima e continuar poeta e insistindo na divulgação de sua obra. Eu, na verdade, não fiz uma carreira sozinho. Tive a ajuda de amigos, tive a aceitação de editores importantes e o só posso atribuir isso ao tipo de trabalho que faço. Devo algumas edições importantes à intervenção de amigos, às vezes amigos que não conhecia pessoalmente, que na verdade eram amigos da minha poesia, e da sensibilidade de alguns editores, entre os quais o Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, e a Luciana Villas-Boas, da Record, que é minha atual editora.

O GALO - Você tem algum novo livro de poesia em perspectiva?

R.E.F. - Eu encaminhei um novo livro de poemas para a Luciana Villas-Boas, intitulado "Elegia de Agosto e outros poemas", mas ainda não há qualquer data para a edição. No próximo dezembro, deverei editar um pequeno livro, mas fora do comércio, pelas Edições Cidade da Bahia, do escritor Guido Guerra.

O GALO - Como se chamará esse novo livro?

R.E.F. - Ele se chama "A Cidade e os Sonhos". São 45 poemas que formam um poema só no clima da cidade da infância. Esses poemas me surgiram num surto de cerca de 30 dias, dois anos atrás. Esses poemas estão incluídos como parte final do volume que foi encaminhado à Record.

O GALO - Você pretende dar continuidade a seu trabalho teórico sobre o modernismo?

R.E.F. - Sim, estou terminando um estudo sobre a reflexão estética de Manuel Bandeira, ainda sem título. Ao terminar o trabalho sobre Mário, vi que havia estudado muito dois outros autores intimamente ligados a Mário: Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Assim, resolvi dar continuidade ao estudo dessas reflexões sobre arte, sobre poesia, tanto de um quanto de outro. Tudo dando certo, depois do Bandeira eu vou me dedicar a Drummond para fechar a trilogia modernista.

O GALO - A poesia brasileira atual, como vai?

R.E.F. - Acredito que a poesia que se faz hoje no Brasil vai bem, mas entenda-se, aquela que escapou dos cacoetes modernos dos ditos movimentos de vanguarda, a partir da geração de 45. Há diversos poetas produzindo poesia de boa qualidade, tanto no Nordeste, quanto no Rio de Janeiro, no Sul do país de um modo geral. É claro que eu não conheço tudo que se está fazendo, mas diria que as pers-

pectivas são animadoras.

O GALO - Como você vê a atual poesia que se faz no Nordeste?

R.E.F. - A poesia brasileira é feita, em suas melhores expressões, no Nordeste, no Rio e em Minas. Infelizmente, o nordestino conhece pouco a literatura do Nordeste, ou leva muito tempo para conhecê-la, pois estamos sempre mais voltados para o Sul e o Sudeste. E também há um complicador: as edições nordestinas não têm distribuição. Gostaria de conhecer melhor a poesia do Nordeste, mas como encontrar o que se publica? Sei que há ótimos poetas no Nordeste, pois às vezes consigo ler um poema aqui e ali, mas não tenho uma leitura sistemática deles — porque não sei onde encontrar os seus livros.

O GALO - E a poesia norte-rio-grandense o que lhe parece?

R.E.F. - A poesia norte-rio-grandense se inclui, para mim, na situação a que me referi ao responder a última pergunta. Espero, a partir desta viagem, passar a conhecê-la como ela certamente merece.

O GALO - Como você vê a proliferação de grandes feiras de



Ruy Espinheira Filho foi um dos convidados da I Bienal Nacional do Livro do Rio Grande do Norte, realizada em setembro deste ano na UFRN, onde lançou livros, deu entrevistas e proferiu palestras

livros, como a que foi realizada este mês em Natal?

R.E.F. - Tudo que é feito para promover o livro é de fundamental importância, o livro não costuma ter grandes espaços na mídia, como outras realizações. Assim, essas bienais, feiras de livros, mesas-redondas, debates em torno da literatura e encontros de escritores e editores, são indispensáveis para aproximar não só os criadores entre si, como o público desses criadores e de suas criações. Creio que tais iniciativas deveriam receber muito mais apoio dos governos, tanto do federal quanto dos estaduais, sem falar nas empresas privadas e universidades de um modo geral, porque o desenvolvimento de uma nação não se faz sem investimentos, altos investimentos, na cultura, como aliás nos ensinam as chamadas nações desenvolvidas

Quatro poemas de CHARLES BAUDELAIRE

Traduções de Marcos Silva

A UMA PASSANTE

Rua ensurdecadora ao meu redor urrava.
Alta, magra, em só luto, só dor majestosa,
Uma mulher passou, com uma mão faustosa
A guirlanda e a barra erguia, balançava;

Ágil e nobre, com sua perna de estátua.
Eu, crispado, eu bebia, como em contra-mão,
Em seu olho, céu claro, grão de furacão,
Doçura que fascina e prazer que mata.

Um clarão... a noite! – Fúgida beleza
Cujo olhar me fez de repente renascer,
Só te verei depois na eternidade acesa?

Longe, tão longe! tarde! talvez *jamais* te ver!
Ignoro onde foges, não sabes onde eu ia,
O tu que eu amaria, ó tu que o sabias!

ALEGORIA

É uma bela mulher e de ricos apel
Que deixa em seu vinho roçarem seus cabelos.
As marcas do amor, o veneno que medra,
Tudo esbarra e se esmaga em sua pele de pedra.
Ela se ri da Morte e debocha da Orgia,
Os monstros cuja mão, que rasga e suplicia,
Em jogos destrutivos respeitou é verdade
Desse ereto corpo a rude majestade.
Ela anda qual deusa e dorme qual sultana;
Ela tem no prazer a fé maometana.
E aos seus braços abertos, cheios pelos seus seios,
Ela atrai com os olhos os humanos meios.
Ela crê, ela sabe, ser virgem infecundo
Contudo necessário ao caminhar do mundo,
Que a beleza do corpo é um dom sublime
Que todas as infâmias com perdão redime.
Ignora o Inferno como o Purgatório,
E ao chegar ao final Noturno introdutório,
A face da Morte ela encarar irá,
Como um recém-nascido - sem remorso nem ira.

A UNE PASSANTE

*La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;*

*Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,
Dans son oeil, ciel livide où germe l'ouragon,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.*

*Un éclair... puis la nuit! – Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,
Ne te verrai-je plus que dans l'éternité?*

*Ailleurs, bien loin d'ici! Trop tard! jamais peut-être!
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
O toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais!*

ALLÉGORIE

*C'est une femme belle et de riche encolure,
Qui laisse dans son vin traîner sa chevelure.
Les griffes de l'amour, les poisons du tripot,
Tout glisse et tout s'émousse au granit de sa peau.
Elle rit à la Mort et nargue la Débauche,
Ces monstres dont la main, qui toujours gratte et fauche,
Dans seus jeux destruteurs a pourtant respecté
De ce corps ferme et droit la rude majesté.
Elle marche en déesse et repose en sultane;
Elle a dans le plaisir la foi mahométane.
Et dans ses bras ouverts, que remplissent ses seins,
Elle appelle des yeux la race des humains.
Elle croit, elle sait, cette vierge inféconde
Et pourtant nécessaire à la marche du monde,
Que la beauté du corps est un sublime don
Qui de toute infamie arrache le pardon.
Elle ignore l'Enfer comme le Purgatoire,
Et quand l'heure viendra d'entrer la Nuit noire,
Elle regardera la face de la Mort,
Ainsi qu'un nouveau-né, - sans haine et sans remord.*

O ALBATROZ

Às vezes, por lazer, os homens do navio
Prendem um albatroz, grande ave do mar,
Que segue, indolente, dias, meses a fio
A nave a passar sobre abismos, qual par.

Tão logo o colocam nas pranchas do convés,
Esse rei do azul, sem jeito e encabulado,
Deixa tristes as brancas asas ao revés
Penderem como remos a se arrastar no lado.

O viajante alado, torto e débil ele tomba!
Antes belo, depois ridículo enfeiava!
Irrita-lhe o bico cachimbo que arromba,
Outro imita, mancando, o enfermo que voava!

O Poeta é semelhante ao príncipe dos céus
Que enfrenta a tempestade, ri do arco no ar;
Exilado no chão, em meio aos escarcéus,
As asas de gigante o impedem de andar.

CIGANOS EM VIAGEM

A tribo de profetas com pupilas ardentes
Ontem se pôs na estrada, levando os filhotes
Livrando-lhes à gula bem quente, nos cangotes,
O tesouro tão cheio dessas mamas pendentes.

Os homens vão a pé sob as armas luzentes
Ao lado das carroças, os seus amontoados,
Lançando sobre o céu olhos angustiados
Pelo morno lamento das quimeras ausentes.

No fundo de arenoso reduto, tem um grilo
Que os vê a passar, e canta com mais brilho;
Cibele, que os ama, aumenta as verduras,

Faz a água minar e o deserto florir
Ante os viajantes, para os quais faz abrir
O império familiar dessas trevas futuras.

Marcos Silva, norte-rio-grandense, é professor, artista plástico e tradutor



Uma das legendas da poesia mundial, o francês Charles Baudelaire construiu, com seu célebre *Les Fleurs de Mal*, um dos pilares em que se assenta a poesia moderna, onde todos os temas são lícitos.

L'ALBATROS

*Souvent, pour s'amuser, les hommes d'équipage
Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
Le navire glissant sur les gouffres amers.*

*A peine les ont-ils déposés sur les planches,
Que ces rois de l'azur, maladroits et honteux,
Laissent pitieusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côté d'eux.*

*Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!
Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!
L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
L'autre mime, en boitant, l'infirme qui volait!*

*Le Poète est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.*

BOHÉMIENS EN VOYAGE

*La tribu prophétique aux prunelles ardentes
Hier s'est mise en route, emportant ses petits
Sur son dos, ou livrant à leurs fiers appétits
Le trésor toujours prêt des mamelles pendantes.*

*Les hommes vont à pied sous leurs armes luisantes
Le long des chariots où les leurs son blottis,
Promenant sur le ciel des yeux appesantis
Par le morne regret des chimères absentes.*

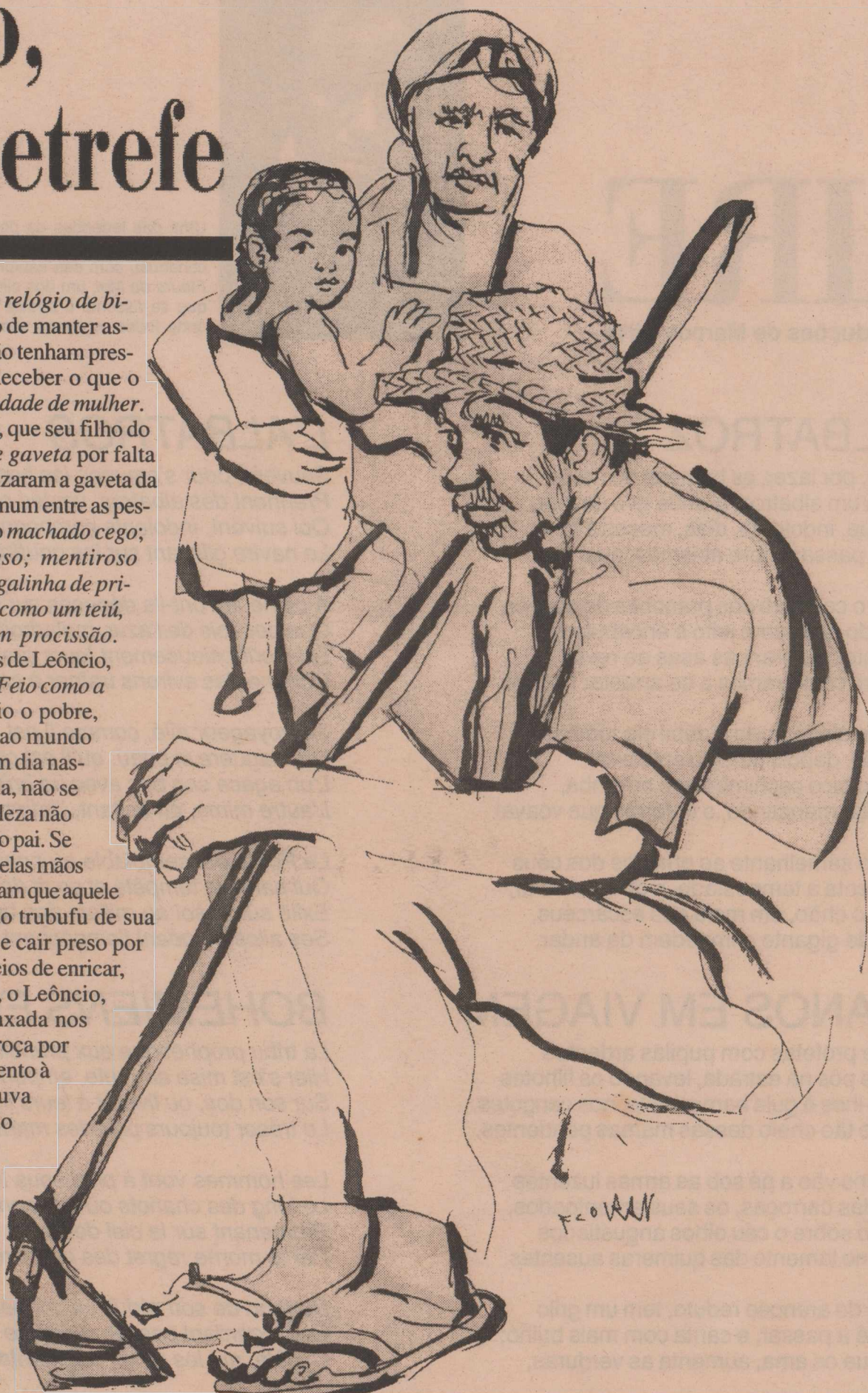
*Du fond de son réduit sablonneux, le grillon,
Les regardant passer, redouble sa chanson;
Cybèle, qui les aime, augmente ses verdure,*

*Fait couler le rocher et fleurir le désert
Devant ces voyageurs, pour lesquels est ouvert
L'empire familial des ténèbres futures.*

Leôncio, o mequetrefe

Malva Barros

Leôncio vivia *atrasado como relógio de biliar*, que os donos fazem questão de manter assim para que os frequentadores não tenham pressa em deixar a mesa ou o bar. Receber o que o biltre devia *era mais incerto que idade de mulher*. Tinha tão má fama como pagador, que seu filho do meio foi enterrado como *anjo de gaveta* por falta de urna mortuária. Na ocasião utilizaram a gaveta da mesa da cozinha, numa prática comum entre as pessoas pobres do sertão. Bruto como *machado cego*; *leviano como rapariga de preso*; *mentiroso como casa velha*; *inquieto como galinha de primeiro ovo*; *surdo a ensinamentos como um teiú*, *caminhava duro como santo em procissão*. Essas eram algumas das definições de Leôncio, mas tinha uma, que cabia melhor: *Feio como a necessidade*. Como sabia ser feio o pobre, nem precisara aprender, já viera ao mundo assim, feio e mal acabado. Mas um dia nasceu em sua casa uma menina linda, não se parecia com a mãe, em quem a beleza não fizera morada e muito menos com o pai. Se não tivesse chegado a este mundo pelas mãos da parteira, ele e ninguém acreditariam que aquele anjo tivesse brotado do bucho do trubufu de sua mulher. Era olhar para a menina e cair preso por seus encantos. O pobre achava meios de enricar, o doente se deparava com a cura, o Leôncio, pasmem, endireitou. Meteu a enxada nos ombros e em pouco tempo deu a roça por plantada. O tempo em agradecimento à menina cooperou e foi muita chuva naquele recanto quase esquecido por Deus. As frases que agora definiam o orgulhoso pai da menina Izildinha diziam que era *agradável como nota de cem*; *orgulhoso como gato de hotel*; *certo como boca de bode*; *limpo como as almas*; *valente como trinta*; *cuidadoso como quem pisa em ovos*; *bonito como bunda de cabrito*. E para fechar com chave de ouro este conto sobre um remendado como Leôncio, só falta completar a moda do sertão, que pai mais embeijado que ele pela filha não ouve e não há. Por ela ele está *com a vida feita*; *contando dinheiro*; *pagando em dia*; *cantando de galo*; *com a faca e o queijo na mão*. Entrou nesta vida pelo lado esquerdo, escuro, feio, mas



está agora comendo na crôa; de tripa forra; lambendo os beiços; com a vida que encomendou a Deus.

Malva Barros, sergipana, é romancista, pesquisadora do folclore nordestino, e Coordenadora do Armazém Literário.
www.armazem.literario.com.br

Salvados e lembrados

Getúlio Araújo

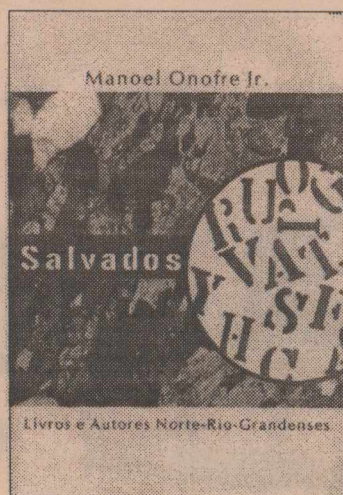
Pesquisando sobre livros e autores do Rio Grande do Norte, constatei o descaso da mídia pelos escritores e artistas nordestinos.

Para o escritor Ariano Suassuna, membro da Academia Brasileira de Letras, pai do Movimento Armorial, foi a “civilização do couro” e não a “civilização do açúcar” que gestou a nossa identidade nacional, a nossa personalidade.

Escritores que gozavam de popularidade ao apagar das luzes no século dezenove, como Ferreira Itajubá, Lourival Açucena, Nísia Floresta e Auta de Souza jazem no olvido da província de Luís da Câmara Cascudo.

O interesse primordial que o leitor descobre na obra *Salvados* (livros e autores do Rio Grande do Norte), lançado na cidade do Natal pelo jurista e escritor Manoel Onofre Júnior demonstra a sua preocupação pela conservação da memória norte-rio-grandense. O nome deste livro, *Salvados*, não podia ser outro. Esta palavra é uma das marcas do homem de letras Manoel Onofre, imagem do eterno. *Salvados* em vários setores da vida e da inteligência, inclusive no amor ao torrão martinense, onde o autor busca como fonte inesgotável de seus personagens. Tudo isto está no livro que li, reli e grifei, neste fim de semana em Goiânia. Manoel Onofre Júnior é um escritor de estilo simples, enxuto, sem floreios, humilde e produtivo. O livro vem preencher uma lacuna para aqueles leitores apaixonados por vultos da terra norte-rio-grandense, com segunda edição revista e ampliada, levando o selo do Sebo Vermelho.

Quem por exemplo já leu os versos de Ferreira Itajubá, Lourival Açucena, Nísia Floresta e Auta de Souza? Agora o ensaísta potiguar resgata em boa hora, com “olho de lince” poetas do quilate de Gilberto Avelino, Diógenes da Cunha Lima, Luis Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro, Dorian Gray Caldas, Sanderson



«*Salvados* vem preencher uma lacuna para aqueles leitores apaixonados por vultos da terra norte-rio-grandense»

Negreiros, Fagundes de Menezes, Franco Maria Jasiello, Franklin Jorge, Dailor Varela, Iaperi Araújo, Celso da Silveira, Myriam Coeli, Zila Mamede e Auta de Souza. No folclore, história e prosa gente do gabarito de Luís da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Deffilo Gurgel, Gutenberg Costa, Severino Vicente, Cid Augusto, Américo de Oliveira Costa, Gil Soares de Araújo, Enélio Lima Petrovich, Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Bezerra de Medeiros, Murilo Melo Filho, Peregrino Júnior, Umberto Peregrino, Nilo Pereira, Hélio Galvão, Vicente Serejo, Vingt-Un Rosado e Oswaldo Lamartine de Faria, desterrado em Acauã, no município de Riachuelo, Estado do Rio Grande do Norte, um apaixonado pela flora e fauna do Seridó.

Neste trabalho a poesia norte-rio-grandense no século XX, que foi estudada em antologia, por Assis Brasil, FUNCART/Imago, 1998, onde o autor destaca dois momentos importantes da poesia potiguar: a publicação do livro de poemas de Jorge Fernandes, em 1927, aliás muitíssimo elogiado pelo crítico Mário de Andrade, e o lançamento local da poesia concreta, em 1966, com o seu posterior desdobramento no poema/processo. Com Jorge Fernandes, o Rio Grande do Norte inseriu-se no modernismo.

Inegável o livro de Manoel Onofre, representando hoje uma obra de referência na literatura do Nordeste. O livro é notável! Destes que deixam o leitor extasiado pelo texto de boa apresentação gráfica, tem estilo e grande valor histórico.

O escritor Manoel Onofre Júnior é membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a quem os potiguares já devem tão assinalados serviços, prestados à magistratura e à cultura brasileira.

Getúlio Araújo é médico e escritor potiguar. Reside em Goiânia.



Pioneiros da navegação aérea

João da Mata Costa

«Quando Ismália enlouqueceu
Pôs-se na Torre a sonhar

.....
Sua alma subiu ao céu
Seu corpo desceu ao mar»

(Alphonsus de Guimaraens, 1902)

"PAX AND BIS"

Atravessando os ares nunca d'antes navegado
Ousam repetir o feito de Ícaro e
Alçam vôo rumo ao imponderável numa
Linha noturna de Baobás

Meninos os vi atravessando o atlântico sul,
Pela primeira vez nas asas de Gago Coutinho
e Sacadura Cabral e num "14-bis" Santos
Dumont voa no mais-pesado-que-o-ar do
campo de Bagatelle

"Pax" disse Augusto Severo
- o "domador de ares"- nos céus
de Paris em 1902 e Santos
não aguentou e se suicidou vendo
seus irmãos usarem seu invento
para guerrear

Pax que te quero Pax

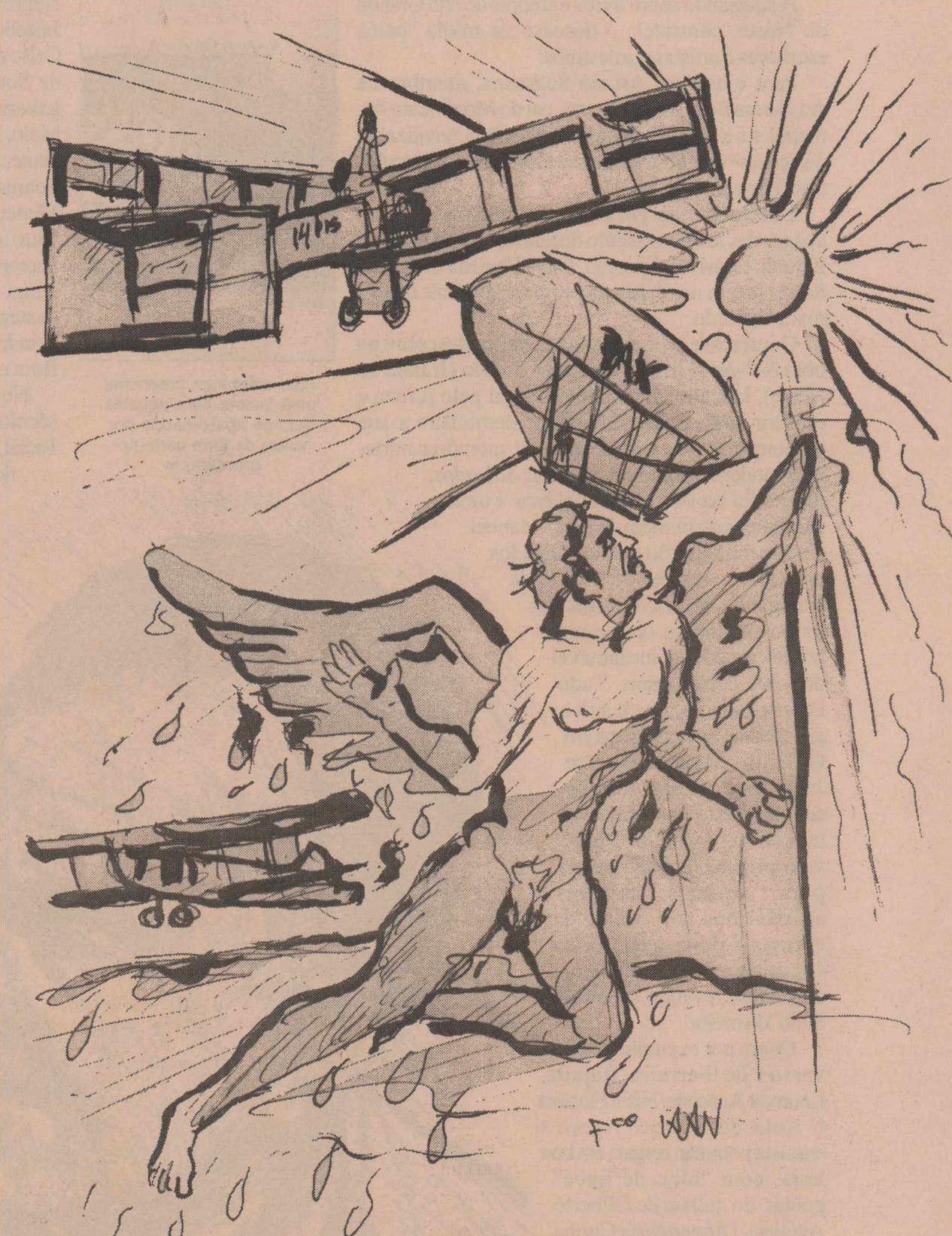
Tragédia da Glória (Segundo Wanderley)
À memória de Augusto Severo

Águia de Pax, de olímpicos sonhos,
Da Colméia do Bem formosa Abelha
Foi ao berço de Luz ver a centelha
Para sagrar o Anjo dos Palmares

Já do Porvir nos rútilos Altares
Da pátria o vulto homérico se espelha,
E dos Andes nas grimpas se ajoelha
Saudando livre o domador dos Ares

Mas ao fitar-lhe o busto aureolado,
De tamanha ousadia despeitado,
Muda-lhe o Gênio da Fortuna o rosto,

E o vencedor, vencido na conquista
Para o solo natal volvendo a vista-
Morre de pé no glorioso posto



(Homenagem ao centenário da morte de Augusto Severo, 80 anos da primeira travessia do Atlântico Sul e aos 70 anos da morte do Pai da Aviação)

João da Mata Costa é doutor em física e poeta.

O incrível como salvação poética

Antônio Júnior

A obra do alemão Rainer María Rilke (Praga, 1875 – Valmont, 1927) nada perde comparada com a de outros grandes poetas. A influência de *As Elegias de Duíno* e *Os Sonetos de Orfeu* - escritos entre 1912 e 1923 - na poesia contemporânea é fundamental: representando não só os pontos mais altos da trajetória do autor, como também duas das criações máximas da lírica moderna. Rilke foi um viajante e residiu em várias cidades, andando de um lado para outro, do Egito a Escandinávia e de Espanha a Rússia, hospedando-se em palacetes de damas nobres ou em hotéis simplórios. Em muitas dessas viagens, ninguém realmente conhecia Rilke, não sabiam quem era, com o poeta passando por um perfeito desconhecido ou um vagabundo em busca de uma pátria, de um lugar impossível. Além de viajante incansável, Rilke nunca teve um trabalho permanente remunerado, exceto curtos períodos como secretário do escultor Rodin ou funcionário de museu, o que não chegou a ser suficiente para viver folgado. Porém, teve a sorte de encontrar benfeitores ou editores generosos para ajudá-lo a cumprir sua missão na vida, que era a de viver para poder escrever. E escreveu poesia, relatos, uma breve novela - *Malte Lauridis Bregge* - e numerosas cartas, que são parte essencial de sua obra, condensado sua história e o seu pensamento poético.

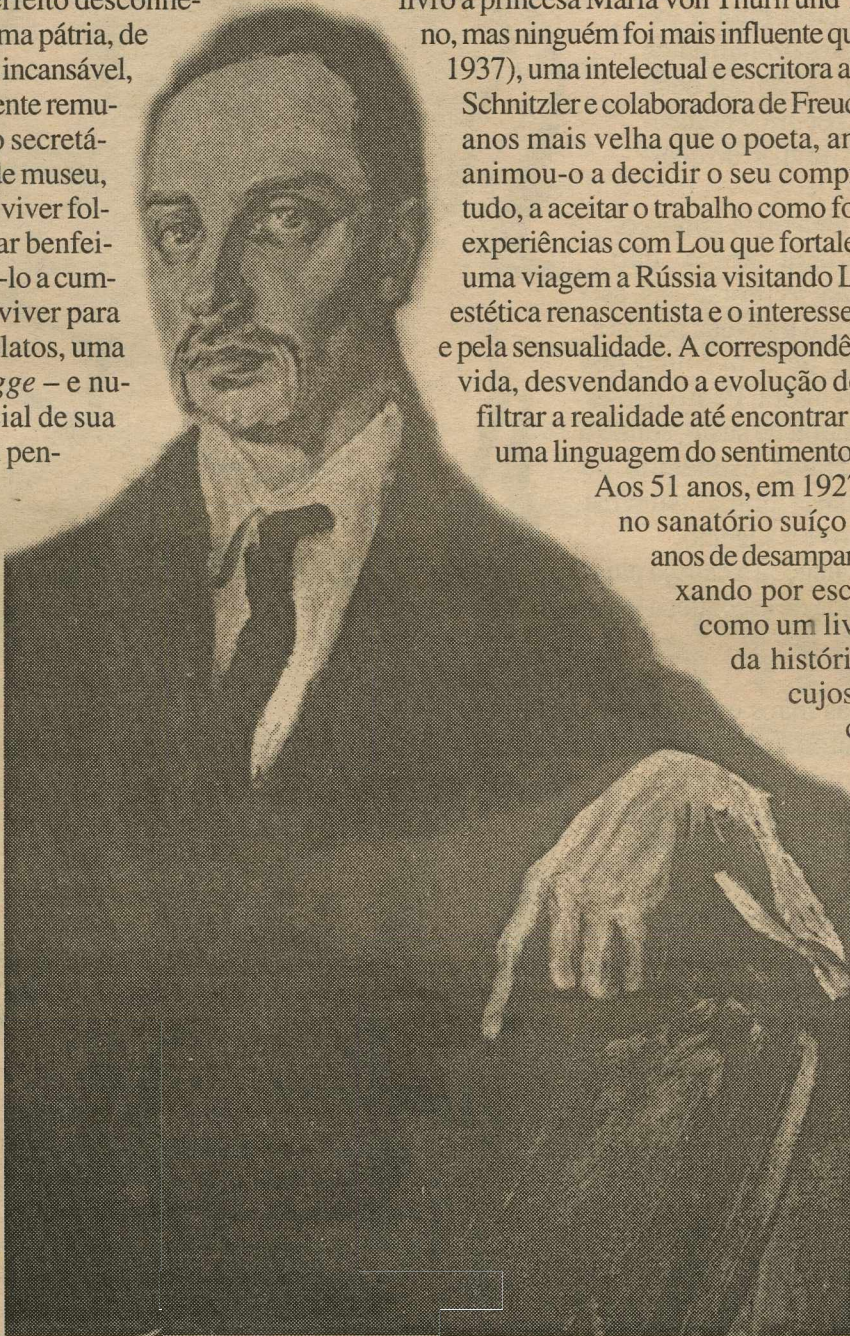
Rilke não se preocupava em absoluto com o que a gente dizia de sua poesia. Furiosamente individualista e descomprometido, leitor voraz de Goethe e Hölderlin - que influenciou bastante a sua poesia -, criou-se numa dura educação militar, levando uma vida com momentos de intensa criação e outros de total apatia. Era às vezes acometido de violentos acessos de fúria, quebrando qualquer coisa a sua frente, e de terríveis crises de infelicidade, jogando-se no chão como quem pedia proteção. Suas estranhas fobias lhe impediam, por exemplo, passar junto a determinadas árvores. Nem com todo esse desequilíbrio deixou de escrever obras do porte de *Cartas a Um Jovem Poeta* (1903-04) ou *O Livro das Horas* (1905), publicadas no início do século XX. Seus poemas são em si mesmo atos de transformação e procura existencial, divagações convertidas em experiência que o poema deseja. E que tipo de experiência seria esta? Respon-

deu numa carta: “A transformação do visível - a vida e suas poderosas realidades - no invisível”. Com a ajuda dos misteriosos e enigmáticos Anjos - não comparar com os Anjos cristãos, insistia Rilke -, refletiu sobre a separação, o abandono, a distância, a solidão, a saudade e amor, numa poética determinada em encontrar a “salvação”.

As mulheres foram importantes na vida de Rilke, embora o seu casamento com a escultora Clara Westhoff, mãe de sua única filha Ruth, não fosse indispensável para sua existência. Eles viviam separados. Desde uma amiga de 18 anos que financiou o seu primeiro livro à princesa Maria von Thurn und Taxis, muitas delas marcaram-no, mas ninguém foi mais influente que Lou Andreas-Salomé (1861-1937), uma intelectual e escritora amiga de Nietzsche, Wedekind, Schnitzler e colaboradora de Freud. Esta incrível mulher quatorze anos mais velha que o poeta, ampliou sua capacidade lírica, animou-o a decidir o seu compromisso artístico e, acima de tudo, a aceitar o trabalho como fonte de inspiração. Rilke viveu experiências com Lou que fortaleceram a sua criação posterior: uma viagem a Rússia visitando Leon Tolstói; a fascinação pela estética renascentista e o interesse mútuo pela luz, pela natureza e pela sensualidade. A correspondência entre eles durou toda uma vida, desvendando a evolução do poeta, a sua habilidade para filtrar a realidade até encontrar a essência poética e a luta por uma linguagem do sentimento das coisas.

Aos 51 anos, em 1927, Rilke morreria de leucemia no sanatório suíço de Valmont, não resistindo a anos de desamparo, instabilidade e angústia, deixando por escrever uma série de projetos, como um livro sobre as grandes amantes da história - que são sempre aquelas

cujos sentimentos não encontram correspondência. O poeta pensava em Safo, Madalena, Heloísa e Mariana Alcoforado. Seus restos descansam junto a igreja de Rauon, uma pequena aldeia no sul de Suíça - a última pátria de adoção do poeta. Convém ressaltar em Rilke, a dimensão poética experimental transformada em sabedoria e iluminação. Sua poesia aspira o conhecimento do invisível e desafia com suas atrevidas visões os limites de nossa resignada existência.



“Com a ajuda dos misteriosos e enigmáticos Anjos - não comparar com os Anjos cristãos, Rilke refletiu sobre a separação, o abandono, a distância, a solidão, a saudade e amor, numa poética determinada em encontrar a “salvação”.

Antônio Júnior é escritor, poeta e jornalista.
antonio_junior2@yahoo.com

AMOR - A partida

Nazaré Fonseca

Pedro realmente ia partir, a mala estava pronta, em seu olhar havia o vazio de quem olha sem nada ver, ou pelo menos tenta ignorar o outro. Recolhia seus livros e deixava as recordações que juntos viveram. Dora, sentada na beira da cama nada mais significava, ela lembrava dor e tempo perdido num passado, que logo esqueceria nos braços da nova amada. Uma mancha no canto de seu olho, algo que desprezou. Havia um brilho de recomeço, a estranha sensação de quem diz: "Dessa vez será melhor". O futuro lhe sorria e as lágrimas dela nada significavam, seus pedidos, suas suplicas. Ele só via o seu futuro. Passado, lembranças, era somente o que restaria para a ex-mulher. A cama onde tantas vezes fizeram amor, os travesseiros, o banheiro, a mesa de café onde tantas vezes riram e brigaram por um sentimento, um círculo de ouro jogado no chão do quarto com desprezo e nojo.

Sala, quarto, escritório, ele corria contra o tempo, e a esposa contra amor não correspondido. Onde estavam as promessas, as palavras carinhosas? Dora abriu a gaveta, puxou a arma e o esperou calmamente. Se Deus o uniu, que os recebesse em seus braços agora. Pedro não esperava, a surpresa quase o matou de susto, soltou a mala e ainda debochou. Havia esquecido da arma. Dora riu amarga e em suas últimas palavras um "Eu te amo". Dois disparos e o silêncio.

Um sonho, uma ilusão. Balançou a cabeça para vê-lo terminar a mala e cansada de esconder a verdade falou sem medo:

- Estou grávida.

Ele parou com a mala nas mãos e ficou por algum tempo no meio do quarto. Durante cinco anos de casamento sempre quiseram ter filhos, mas nunca acontecia. E por que agora, quando nada mais significava? Abraçado à mala, sentou na cama e ficou assim por quase meia hora. Pensava, lembrava de seu tempo de infância. Pegou o telefone e diante de Dora dispensou a amante. Ele levou uma semana para que ela entendesse, que ele ia ficar com a esposa, agora grávida. Claro, a amante fez escândalo, ligou muitas vezes, mas Pedro não atendia ao telefone, só Dora. Ele morreu para ela. A casa estava silenciosa, um casal perdido dentro de sua agonia, uma criança sendo gerada e o olhar vidrado do pai.

Pedro não desfez a mala, apenas ia tirando as roupas de dentro dela à medida que precisava e a fechava com uma expressão rígida na face. O guarda-roupa continuava vazio. Era um homem de princípios, não ia abandonar um filho no mundo! Pensava na criança. No que iria sofrer, sem ter a figura do pai para lhe proteger do mundo, como um dia ele mesmo foi



desprotegido. Graças a um trauma de infância, ficou ao lado da esposa, mesmo não a amando. Ainda era jovem, poderia suportar algum tempo até que a criança crescesse um pouco. O corpo ficou, mas a alma não, ela estava muito longe.

Dora fingia o tempo todo, era como se ele nunca houvesse lançado a aliança sobre ela e lhe dito coisas tão odiosas. O viu com prazer ele procurar a aliança, por no dedo. Pedro ficou muito caseiro e sequer falava com os amigos, estava o tempo todo ao lado da mulher. Parecia evitar o mundo, além do portão de madeira, só havia problemas e tentações. Mudou bastante, não falava muito e até comia seu bolo de milho sem reclamar. Todos o acharam diferente, arredo. Dora o defendia e até tentou levá-lo a igreja, mas mudou de idéia ao ver o carro da amante dele pela vizinhança. Ela ainda o queria. Um mês depois e ela ainda insistia com aquele romance absurdo!

Dora na cama notou que a mão de Pedro estava inchada. Pela manhã acordou e não o viu na cama, a aliança sobre a mesinha de cabeceira. Correu desembalada pela casa e o encontrou no portão conversando com o padeiro. Foi somente um susto, ela ainda estava ao seu lado, e ia criar seu filho, os dois juntos. Segurou o ventre sentindo uma dor aguda e caiu ao chão.

O padeiro a juntou do chão e começou a gritar por ajuda. Ninguém apareceu do interior da casa. Sem alternativas a tomou nos braços e a levou para dentro, enquanto gemia e sangrava. Pela casa procurou o quarto e logo o achou. A visão é um dos cinco sentidos, provavelmente o mais enganoso deles. Ela lhe prega peças. Uma sombra pode ser um vulto, um vulto pode ser um homem. E um cadáver pode ser um marido fiel.

Pedro não pode sentir-se aliviado, e muito menos livre. Estava morto há muito tempo para sentir qualquer coisa. Seu corpo apodrecia sobre a cama há um mês. De sua mão a aliança já havia caído há muito tempo com o resto de seu dedo. O carteiro vomitou até quase morrer, e Dora continuava chamando o marido. Logo a casa ficou cheia de gente, a ambulância surgiu e levou Dora para o hospital. Ela perdeu o bebê. Naquela manhã ensolarada, naquele quarto cheio de moscas e mau cheiro, na casa, nos arredores ninguém conseguiu tomar café da manhã. Era por demais nauseante a visão do cadáver e mais ainda em imaginar Dora vivendo com ele durante todo aquele tempo. O assunto virou manchete de jornal, Dora foi internada completamente louca, pensando ainda estar grávida. A amante virou celebridade. O legista encontrou dentro de um cadáver de trinta dias, pedaços de bolo de milho.

Nazaré Fonseca, natalense, é escritora

Transcendência

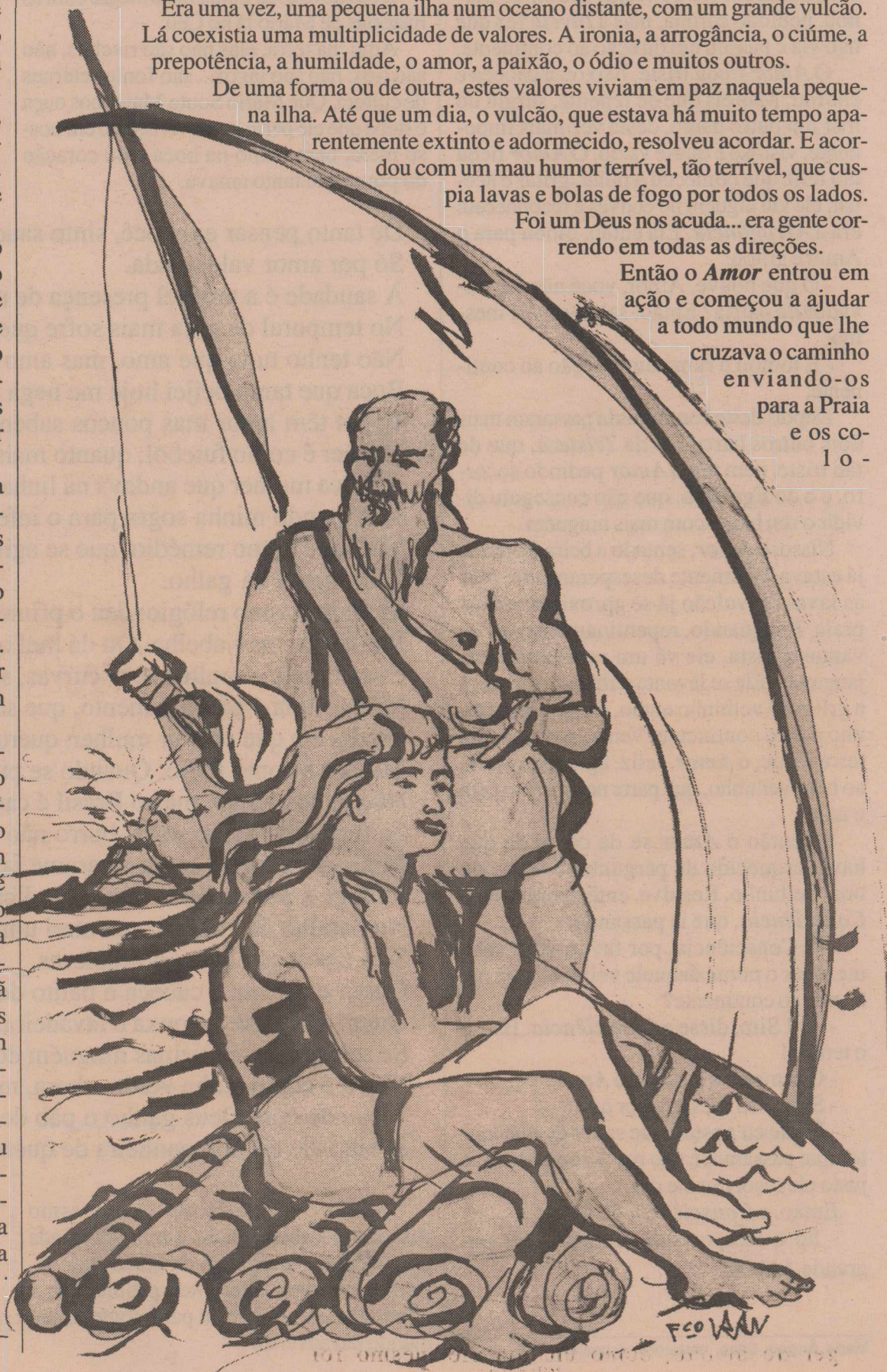
Angela Maria Silva

Era uma vez, uma pequena ilha num oceano distante, com um grande vulcão. Lá coexistia uma multiplicidade de valores. A ironia, a arrogância, o ciúme, a prepotência, a humildade, o amor, a paixão, o ódio e muitos outros.

De uma forma ou de outra, estes valores viviam em paz naquela pequena ilha. Até que um dia, o vulcão, que estava há muito tempo aparentemente extinto e adormecido, resolveu acordar. E acordou com um mau humor terrível, tão terrível, que cuspiam lavas e bolas de fogo por todos os lados.

Foi um Deus nos acuda... era gente correndo em todas as direções.

Então o **Amor** entrou em ação e começou a ajudar a todo mundo que lhe cruzava o caminho enviando-os para a Praia e os colando -



cando nos barcos, que partiam para o continente. Foram tantas as criaturas que salvou das lavas que escorriam pelas encostas da montanha que de repente, ele se viu só na ilha. Foi então que se deu conta de que não havia mais ninguém para salvar, a não ser a si próprio.

Neste momento, vinha passando à beira-mar um pequeno barco. O *Amor* olhou e reconheceu: era a *Inveja*. Ele então aceitou, pedindo carona, mas a *Inveja* fez que não via e passou em direção ao continente.

O *Amor* ficou triste, baixou a cabeça e chorou. Mas eis que de repente, surgiu no mar um outro barco, desta vez mais imponente, vistoso e quase vazio. O *Amor* ficou tão feliz que começou a pular, gritar e acenar, ele viu alguém no convés e reconheceu: era a *Arrogância*. Ela então, olhou para o Amor e gritou:

- O que houve, Amor, você não é o salvador da pátria? Então, salve-se a si mesmo!

- E tomou o rumo em direção ao continente.

Depois deste barco, ainda passaram mais dois outros barcos: o da *Tristeza*, que de tão triste, nem viu o *Amor* pedindo socorro, e o do *Egoísmo*, que não conseguiu dividir o seu barco com mais ninguém.

Nisso, o *Amor*, sentado a beira da praia, já estava totalmente desesperançado, pois as lavas do vulcão já se aproximavam da praia. Foi quando, repentinamente, ao levantar a vista, ele vê um velhinho numa janganda. Ele se levanta eufórico e começa a gritar. O velhinho então, dirige o barquinho para o continente. Vendo-o chegar em terra firme, o *Amor*, feliz, agradece muito ao bom velhinho, que parte novamente para o mar.

Só então o *Amor* se dá conta de que havia esquecido de perguntar o nome do bom velhinho. Resolve, então perguntar à *Consciência*, que ia passando:

- Ô Consciência, por favor, você sabe me dizer o nome daquele velhinho que me trouxe ao continente?

- Ah! Sim, disse a *Consciência*. Este é o tempo!

- O tempo? Retrucou o *Amor*.

- Sim, isso mesmo, por que?

- É que eu gostaria de saber de que tantos que passaram e não me deram carona, e justo ele resolveu me dar.

Então, a *Consciência* disse:

- Só o tempo pode compreender um grande AMOR.

Uma do cabra da peste Mário Souto Maior

Ecival C. dos Santos

Deus deve estar ainda mais alegre com as histórias de Mário lá no Céu.

Aqui, na terra, elas não são riachos, não são rios, não são lagos... são fontes eternas de cultura. Que Mário Souto Maior nos ouça e saiba que ele permanece vivíssimo em nosso meio, bem como na boca e no coração do povo, que tanto amava.

Eis, então, uns trechos de um livro de Mário: "Há caminhoneiros românticos, mas há também os revoltados, os descrentes, os desiludidos com as mulheres, com a humanidade, com a vida, curtindo suas *dores de coto-velo*, transmitindo aos leitores de suas lendas, mesmo assim, a beleza da vida, o amor ao próximo, a magia do amor:

De tanto pensar em você, sinto saudade de mim.

Só por amor vale a vida.

A saudade é a terrível presença de uma ausência.

No temporal da vida mais sofre quem se apavora.

Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

Boca que tanto beijei hoje me nega um sorriso.

Todos têm amor mas poucos sabem amar.

Mulher é como futebol: quanto mais pelada mais animada é a torcida.

A única mulher que andava na linha o trem pegou.

Não mando minha sogra para o inferno porque tenho pena do Diabo.

Mulher é como remédio, que se agita antes de usar.

Todo broto dá galho.

Mulher é como relógio: deu o primeiro defeito nunca mais presta.

Mulher é como abelha. Ou dá mel ou ferroadada.

Estrada reta e mulher sem curvas, só dá é sono.

Mulher feia é como jumento, que só o dono é quem procura.

No dia em que chover mulher, quero uma goteira em minha cama.

Mulher é como índio. Quando se pinta é porque quer briga.

Não temos feijão, mas o Brasil é campeão.

Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça.

Mini-saia é como cerca de arame farpado.

Protege a propriedade sem prejudicar a visão.

No baralho da vida só encontrei uma dama.

Seja a solução e não o problema.

Quem esquentava a cabeça é palito de fósforo.

Quem dá cartaz à trouxa é lavadeira.

Se seios fossem buzinas ninguém dormia de noite.

Viúva é como lenha verde: chora, mas pega fogo.

Viajando com Deus ganho o pão de cada dia.

A saudade é a companheira de quem não tem companhia."

"Assim é o nordestino que, mesmo desassistido, abandonado, diminuído, ainda tem, além da coragem e da garra para enfrentar os mais diferentes problemas, a criatividade e a filosofia para viver no seu mundo tão adverso."

FONTE: Maior, Mário Souto. *A menina-avó e os seus almanaques*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2001, pp. 31 e 32.

Ecival C. dos Santos, baiano de Formosa do Rio Preto, é contista, cronista e poeta, e bacharelado em letras pela Universidade de Brasília - UnB.

✧ POR SOBRE MIM
✧/ ANA CRISTINA

✧
DAS TUAS MÃOS
ENVOLTAS EM MIM
ADORMEÇO

COMO CÃO QUE NÃO GUARDA SI MESMO
ENTREGUE PARA SEMPRE
AOS CAPRICHOS DO TEU SOPRO QUE
RENASCE O PÓ DA TUA CARNE QUE ME ACORDA

✧ E AOS TEUS AIS
COMO CÃO QUE NÃO TEM DONO
SOBREVOO O CHEIRO DO TEU GOZO
QUE RESVALA POR ENTRE PÁLPEBRAS ✧
O SORRISO
QUE GUARDAMOS UM PARA O OUTRO

✧ E AO NASCER DA BOCA DO RIO
QUE NOS SARA E LOCOMOVE
BRINDO O TEU NOME ✧
POR ENTRE PRENÚNCIOS
DE FLORES, ARLEQUINS E DELÍRIOS NOTURNOS
✧

CARLOS GURGEL
14.08.02 . NATAL

TRÍDUO

Mário Gerson

Catarse

De se espelhar
Nessas cargas;
De se desfazer
Em ruínas...
Sobre as pedras
E os muros;
Sobre os pilares
Se desfazendo...
Em quais pedras
Ou sementes
Expurgou-se o
Todo Efeito,
Sobra do que
Fora construção,
Escarro, suor?
Em que parede
Ou retrato
Te esconderam?

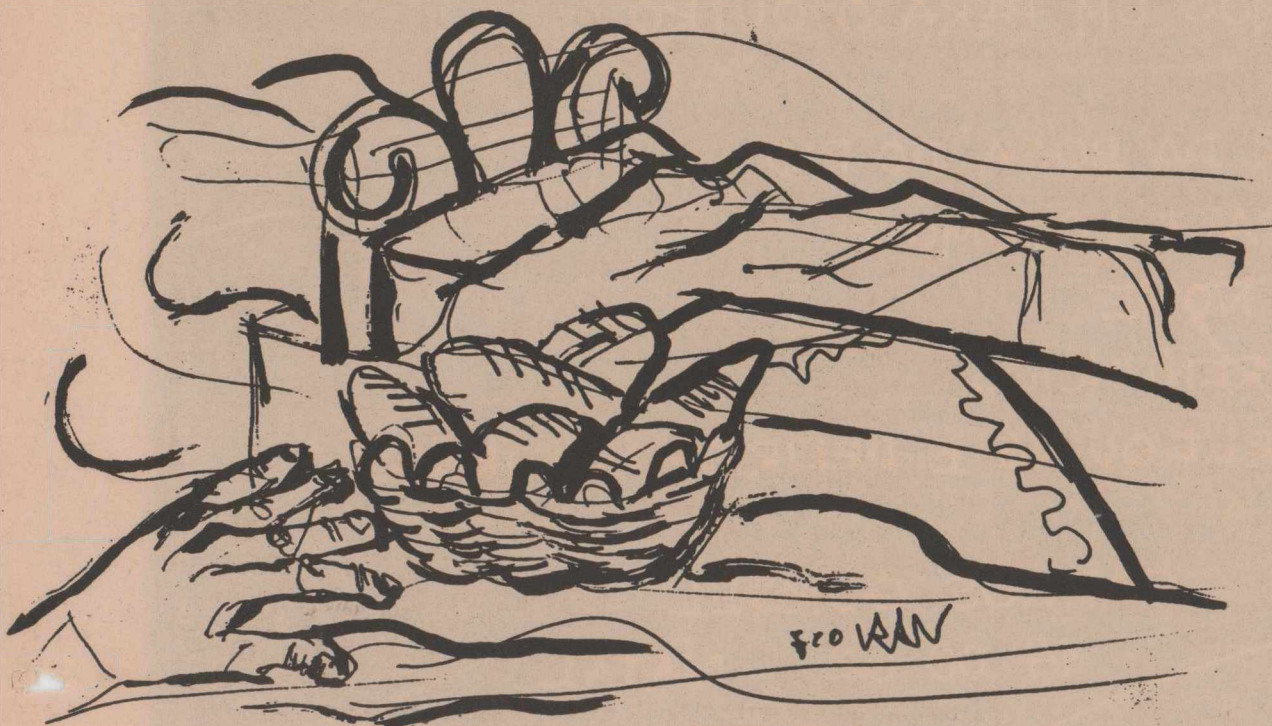


O que há de ser

Em cada olhar,
Há uma noite escura
Nos sangrando
O infinito...
E quando
Em pupila
Seus reclames
Se dissolvem
Ou em brusco
Silêncio suas
Partes se completam,
Então o que há de Ser
Reage ao Simples
E ao Constante.

Espera

A palavra
Me aguarda
Em maltrapilhos
Lençóis e camas.
Suas faces,
Aqui e ali
Me acenam
Beirais;
Ventos
Sobre
A mão
E pães
Na mesa.



Correio d'O Galo

João Pessoa, 15 de setembro de 2002

Amigo Woden Madruga,

Presente à recente Bienal do Livro, onde lancei algumas publicações, deparei-me com, no stand da Fundação José Augusto, o mais recente número da revista/jornal O Galo, pelo que desejo felicitá-lo, juntamente com a equipe responsável.

Nele me chamaram a atenção a entrevista do presidente do IHGRN, Enélio Petrovich, o registro do mais novo livro de Jomard Muniz de Brito – também nosso amigo – e os fragmentos de Francisco Sobreira e Adriano Gray Caldas, um pouco à Maupassant, o primeiro, mais intimista o último.

Como nos desencontrássemos, deixei-lhe número da Revista da Academia Paraibana de Letras, dotada de minhas despedidas da UFPB – será que você a recebeu? – também deixei meu endereço para receber O Galo, à semelhança do que ocorria há algumas décadas atrás – tenho muitos número dela.

Em outra correspondência, estamos a lhe remeter a Revista da UNIPÊ, em busca de colaborações e parceria. Seria possível nos remeter colaborações, dentro das normas da revista, nela capitulados.

Outrossim, há alguns meses remeti para o editor Nelson Patriota o meu recente “Sociedade e Poder Político no Nordeste – o caso da Paraíba (1945-1964)”. Será que o recebeu?

Em anexo, segue outra publicação, para que (re)conheça melhor. A intenção, repito, consiste em estreitar os laços entre nossas publicações – O Galo, de tantas tradições culturais e a jovem (19 números) Revista da UNIPÊ.

Cordial e atenciosamente,
José Octávio de A. Mello
Editor da
Revista da UNIPÊ

Caro Escritor:

Não faz muito tempo, consegui dez exemplares d'O Galo aqui em Brasília, fato que me deixou muito alegre. De início, dei uma olhadela em todos eles. Agora, leio todos os números um a um.

Parabéns por este brilhante meio de comunicação literário! Que “O Galo” seja bastante divulgado e tenha vida eterna!

Gostaria, por favor, de recebê-lo no seguinte endereço:

Casa do Estudante Universitário, bloco “A”, apartamento 206/UnB.
CEP 70910900 - Brasília - DF.

Como estamos no centenário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade, ousou lhe enviar uma tal de “Trilogia Drummondiana” que escrevi um dia desses, composta por: “A fada das letras e o poeta de vasto coração”, “Mais um Drummond que se vai...” e Carlos Drummond de Andrade não é poeta?”. E, aproveitando a oportunidade rara, vão outros textos anexados também, mesmo sabendo que você deve ter pouco tempo para ler textos de uma pessoa desconhecida e, por enquanto, virtual, sem rosto, oficialmente ágrafo literário (por não ter publicado livro sequer por uma pequena editora, só, entre outras, em revistas como a “Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação - com distribuição gratuita restrita a quem tem interesse pelos assuntos supracitados e literatura, bem como a instituições culturais e bibliotecas: 3112432).

Obrigado pela leitura e que tenha caneta ou computador com bastante tinta!

Atenciosamente,
Ecival Carvalho dos Santos

Caro Nelson

“O Galo” nº 6 (Jun/02), além do ciúme (“ciúme”, no bom sentido) que me despertou a biblioteca do Homero Costa (com quem senti grandes afinidades pela própria organização da biblioteca), trouxe-me uma curiosidade que eu desconhecia: a vinculação do Trio Irakitan ao Chico Elion. E achei excelente a sua matéria relativa ao “jornalismo cultural” brasileiro, coisa que é sempre mais rara.

Quanto à questão das editoras, em “O escritor nordestino”, estou concluindo que esta não é só uma questão nacional, mas mundial. Ontem mesmo recebi e-mail da Itália (onde está sendo ultimada a publicação do meu recente “Eu Vivo Só Ternuras” - “Io Vivo di Tenerezze”, por lá) e constatei que as dificuldades, lá, são idênticas às nossas, aqui. O negócio é permanecer na luta... como “O Galo” está fazendo.

No mais, sucessos, votos de felicidades e abraços do

Nelson Hoffmann

LIVROS / Lançamentos
NELSON PATRIOTA**ANTOLOGIA**

Edição FUNALFA
Juiz de Fora, MG
2002

As leis de incentivo à cultura são de extrema utilidade para os jovens autores, já que são um dos poucos veículos de que dispõe a sociedade para viabilizar a publicação das suas obras, haja vista o alto custo das publicações alternativas. Este *Poesia em Movimento - antologia*, é um exemplo de bom uso da Lei Municipal Murilo Mendes de Incentivo à Cultura de Juiz de Fora/MG. O livro reúne, numa edição bem cuidada e moderna, um balanço da produção poética de 43 escritores nascidos ou que viveram em Juiz de Fora entre 1975 e 2000, e que tiveram trabalhos publicados em periódicos daquele município. Organizada pelo jornalista e poeta mineiro Jorge Sanglard, que também integra a antologia, *Poesia em Movimento* tem apresentação de Affonso Romano de Sant'Anna o qual, a certa altura, comenta, referindo-se ao fazer poético: “Que mistério é esse que faz com que uma pessoa, de repente, afaste-se imaginariamente de tudo e escreva meia dúzia de palavras enigmáticas condensando uma emoção ou uma estranha percepção?”.

**FILOLOGIA**

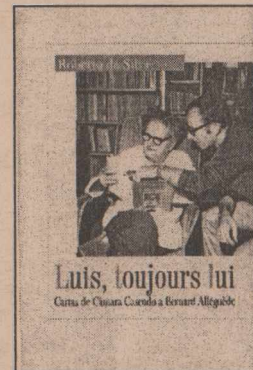
Casa José de Alencar
Fortaleza, CE
2002

Uma imersão nas línguas românicas é uma das possíveis definições desse curiosíssimo (e único) *Almanaque Neolatino*, desse cearense extraordinário que é Luciano Maia. Polígrafo, faz do diálogo entre as línguas românicas uma divertidíssima aventura do espírito, cheia de surpresas e humor, como nesse *Almanaque*. Mas apesar do caráter informal que preside à sua composição, o autor teve a preocupação de expor de forma sistemática a distribuição geográfica das herdeiras do latim. É na parte intitulada «Curiosidades e Promenores», que reside o núcleo mais interessante da obra. Por exemplo, as diferenças lexicais existentes entre o português, o espanhol, o francês, o italiano, o catalão e o romeno; as similitudes entre o português e o galego, as coincidências linguísticas entre as línguas românicas, estudos filológicos sobre palavras, a poesia escrita em idiomas menores etc. *Almanaque* traz ainda um fragmento da parábola do filho pródigo e a Declaração Universal dos Direitos Humanos em oito idiomas românicos: latim, português, romeno, francês, italiano, catalão, provençal e espanhol.

**EPISTOLOGRAFIA**

Editora Sebo Vermelho
Natal, RN
2002

O conjunto de cartas que Luís da Câmara Cascudo enviou a seu amigo francês Bernand Alléguede é reunida pela primeira vez neste volume, organizado e apresentado pelo pesquisador e epistolográfico norte-rio-grandense Roberto Silva. Além da amizade duradoura que ligou o ex-diretor da Aliança Francesa em Natal ao historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo, e a variedade que assuntos que a alimentou, culminando com a tradução de Alléguede dos *Contos Tradicionais do Brasil*, de Cascudo, sobressai nessa correspondência a sintaxe cascudiana tardia, propositadamente descuidada, resíduo certamente das diversas reformas ortográficas que foi acumulando o português brasileiro ao longo do século. Com essa edição, Roberto Silva presta mais um serviço à bibliografia cascudiana, após ter reunido as cartas que o folclorista potiguar remeteu a João Lira Filho, enfileiradas no livro *Jasmins do Sobradinho*. A propósito, quando será publicada a correspondência ativa de Cascudo para Mário de Andrade?



Una città, una donna

(Inspirado numa crônica de Marjorie Madrugá)

Nei Leandro de Castro

Vejo-te desbravando o inédito, o jamais dito,
a aventura feita de águas e sombra, labirinto e canais.
Estás nua e estás de joelho, como quem pede, como quem peca
por antecipação. O cheiro que vem das águas sobe
pelas tuas narinas acesas, faz arfar os teus seios,
mas agora queres tão-somente a paz da città, o milagre da città,
embora tenhas um desejo mais intenso do que as marolas
de 1.500 anos inauguradas e acumuladas na tua pele.
Quem é mais bela e sensual? Quem mais misteriosa?
A città que seduz e enlouquece os homens e a história
ou a mulher nua, sensível, de joelhos, com uma provável
rosa entre os seios?
De longe e de perto, Casanova te devora com os olhos.
Carpaccio encharca com seus vermelhos profundos
as auréolas do teu corpo. Feminina, segue pelos labirintos
do espanto e do prazer. És quase sereníssima,
apesar do ardor em teus sentidos, da nostalgia
de uma noite de êxtase, de beleza, quando o teu corpo
de repente inundou todas as margens. E jamais
conquistaste outro êxtase tão intenso. Ondas, remanso e paz.



Nei Leandro de Castro, norte-rio-grandense, é romancista e poeta.